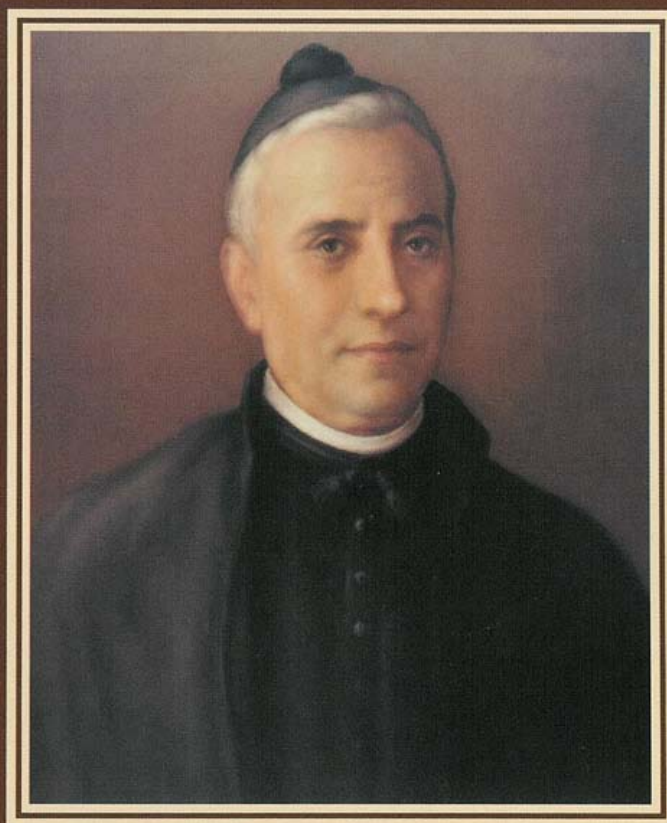


Sergio Cimignoli, S. F.



SÃO JOSEP MANYANET

Desde Nazaré, um profeta para a família

INDICE

Introdução

1. Dois santos, um grande sonho
2. Uma infância que ilumina toda a vida
3. Estudante e trabalhador: pobre, porém simpático e atraente
4. Para ser feliz seguiu a voz do coração
5. Suas “dores de cabeça”
6. O amor de sua vida
7. Tocar o céu com um dedo
8. Semear o bem no coração das criancinhas
9. O segredo de uma vida santa e feliz



SÃO JOSEP MANYANET DESDE NAZARÉ, UM PROFETA PARA A FAMÍLIA

Sergio Cimignoli, S.F.

INTRODUÇÃO

“Josep Manyanet, um santo mais!”. Esta poderia ser a reação frente ao número elevado de santos que João Paulo II continua propondo à Igreja. Alguém poderia questionar que, no final das contas, as histórias dos santos são sempre as mesmas: fatos extraordinários; opções não comuns: caminhos de alta espiritualidade adaptados somente ao “pessoal da obra”. Discursos e exortações edificantes, mas com uma mentalidade bem afastada da vida dos homens comuns.

Na vida que lhes contaremos, o extraordinário é... que nada é extraordinário!

Muitos milagres houveram na vida de Josep Manyanet, porém, são os mesmos que acontecem na vida de cada um de nós. Quando somos pequenos, passamos por perigos dos quais somos salvos ou por um anjo da guarda ou por outro alguém que nos protege misteriosamente... Houve também o milagre da vida cotidiana transcorrida na humildade e no silêncio construindo com perseverança e sem barulho, no dia a dia um mundo novo. Houve o milagre da presença de Deus que como um “clandestino a bordo”, no anonimato, fez arder seu coração e foi sempre para ele uma companhia e um sustentáculo que conduziu a Josep Manyanet por um caminho de vida bom e feliz..., embora não sempre fácil.

O segredo de sua alta e profunda espiritualidade é de uma simplicidade que desarma. Está ao alcance de todos, consagrados ou casados, pequenos ou grandes: *visitar cada dia a pequena casa de Nazaré.*

Josep Manyanet é um fundador e convidava os seus, os Filhos da Sagrada Família e as Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré, a não esquecer nunca a maravilha de seu chamado e de sua missão: a honra da Sagrada Família, o bem das famílias e a educação e instrução das crianças e dos jovens. É bem possível que nem sequer se haja dado conta da riqueza do carisma que deixou à Igreja: foi *um profeta da família e da pastoral familiar.*

Ele não é um santo por acaso, e nunca teria esperado ser um santo daqueles que se venera na Igreja. Fala muitas vezes da santidade, mas principalmente com temor da salvação da alma que, segundo ele é a coisa mais importante com o que devemos preocupar-nos.

Ele que queria aos santos como amigos e protetores para as mais diversas situações e circunstâncias da vida, onde poderia ser colocado?

Certamente como *um amigo e intercessor das famílias*, para que todas sejam atingidas pela benção de Deus que se derramou sobre a humanidade através da Santa Família de Nazaré.

Com certeza, como *um pai e um amigo muito terno* para as crianças a quem dedicou o melhor de si e aos que não deixou faltar jamais uma carícia e uns doces.

Josep Manyanet faz parte de uma nova geração de santos, auspiciada por Guardini, obedientes a Deus e encarnados na situação cotidiana de nossos dias. É “um novo gênero de santos” que também nos convida a sermos santos como ou mais do que eles.

Josep Manyanet tem um sonho: roubar de Nazaré o segredo da Santa Família para dá-lo às

famílias e assim transformar a sociedade por meio da educação das crianças e dos jovens. Este é um sonho que ele nos deixa para que também nós, como ele, sejamos capazes de realizá-lo.

Capítulo 1

Dois santos, um grande sonho

Barcelona é uma cidade moderna e dinâmica entre as européias. Em qualquer época do ano é invadida por jovens que chegam para encontrar-se com pessoas de todo o mundo. As atrações são muitas e bem diversificadas. Nos últimos anos, porém, a principal de todas é a arte de Gaudí. É o único arquiteto moderno que recebe cada ano em reconhecimento de mais de dois milhões de visitantes. Todos ficam encantados diante da originalidade e atualidade de um artista genial, audaz, revolucionário, um apaixonado da beleza.

Gaudí não pertence a nenhum movimento arquitetônico; único em seu gênero, buscou novas soluções nunca antes provadas. Admirador da beleza da natureza, não repetiu nunca uma solução.

São poucos os que sabem que sua originalidade artística derivava de uma “experiência” também única: a *santidade* (seu processo de beatificação, depois de haver passado pela fase diocesana, já está em Roma).

Mais além do esplendor, da originalidade e da beleza das obras e projetos de Gaudí está a extraordinária riqueza de sua pessoa e de sua fé. Foi um cristão exemplar e viveu a fé como fundamento de sua vida e de seu trabalho. Inclusive, o princípio que o guiava em suas opções artísticas derivava da sua fé. Considerava-se um “imitador” e não um criador de formas, porque o único Criador é Deus. Gaudí dizia: “O homem continua a criação com seu trabalho. Deus continua a criação através do homem”.

Um encontro providencial

Quando a 3 de novembro de 1883, sua fé e seu gênio artístico se cruzaram com a idéia de outro “santo”, sua vida e seus interesses mudaram e aos poucos renunciou a tudo, à fama e ao dinheiro, para dedicar-se completamente ao projeto e construção do templo expiatório da Sagrada Família, colocando-se totalmente a serviço de um cliente “sem pressa”.

A idéia era de Josep Manyet, um sacerdote com uma visão e projetos igualmente geniais, ousados e proféticos. Seu sonho era reconstruir uma sociedade nova através da família e apontando a Sagrada Família como modelo: “*Fazer do mundo uma família e de cada família um Nazaré*”. Era ainda jovem, mas havia decidido dedicar toda sua vida à concretização do seu sonho, até o ponto de propor a Sagrada Família como símbolo visível de seu projeto. A 24 de junho de 1869 manifestou sua idéia numa carta dirigida a D. José Caixal, seu bispo da diocese de Urgell:

“Quero manifestar à V. E. Ilma. um pensamento, a meu modo de ver, esplêndido e piedoso que me sobreveio.

Meditando sobre os males que amotinam a sociedade e sobre seu mais oportuno e eficaz remédio, e não o encontrando a não ser na união de todos os Bispos com a cátedra de Roma no próximo Concílio ecumênico, veio-me a idéia de envolver o glorioso Patriarca São José neste importantíssimo negócio por meio da ereção de um templo expiatório edificado com a caridade dos espanhóis, gravando em seu frontispício, para memória das gerações futuras, estas ou outras palavras semelhantes: ‘Ao glorioso Patriarca São José, Padroeiro da Igreja universal e Restaurador da Espanha’.

Para não vermos defraudadas nossas esperanças, começaríamos rezando uma missa todas as quartas-feiras a São José, implorando sua poderosa proteção; e todos os meses outra a Maria Imaculada, nas piedosas intenções dos que se dignaram contribuir com suas esmolas na ereção deste magnífico templo.

Espero que V. E. Ilma se dignará dar-me seu parecer, caso mereça sua aprovação. Em caso afirmativo, não faz falta dizer que se daria exata conta dos ingressos e gastos para que ninguém pudesse suspeitar da boa aplicação dos fundos”.

No final da carta há uma apostila, escrita pelo mesmo Josep Manyanet alguns anos depois, logo que se iniciou a construção do templo:

“Nota. Comuniquei esta idéia mais tarde ao Sr. D. José Bocabella (a) Viúva Pla, de Barcelona que o iniciou no *’O Propagador da Devoção a São José’*, e isto deu margem ao levantamento do famoso templo da Sda. Família”.

Por um momento tentou-se fazer com que Josep Manyanet fosse o encarregado da animação do templo, mas ele estava muito ocupado na realização do seu sonho e não foi possível aceitar, porém em todas as circunstâncias permaneceu fiel ao seu compromisso de sustentar a sua idéia com a oração e a entrega de donativos. Depois de sua morte em 1901, seus religiosos continuaram estimulando a edificação do templo e ele lá no céu continua contribuindo “misteriosamente”.

O próprio Gaudí, por mais de uma vez, na sua simplicidade e humildade, admitiu sentir-se apoiado por pessoas desconhecidas: “Ninguém pode gloriar-se – disse uma vez – porque tudo é dom de Deus; com frequência Ele se serve de qualquer um... Às vezes acreditamos que somos merecedores de glória naquilo que é bom e dos méritos que cada um de nós, com seu talento, recebeu na realização de alguma coisa importante; quando na verdade, por trás disso está uma alma desconhecida que reza pelo êxito de uma pessoa mais conhecida”.

É extraordinário como a idéia inicial de Josep Manyanet foi acolhida e respeitada por Gaudí e continua sendo respeitada em nossos dias.

Em Barcelona não se está concluindo apenas “um templo magnífico”, mas sim a maior e mais esplêndida obra de arte construída hoje no mundo.

Muitos patrocinadores se ofereceram para acelerar os trabalhos, mas apesar das ofertas serem tão atraentes, foram rejeitadas. O Padre Manyanet e Gaudí queriam que o templo fosse erguido apenas e exclusivamente com a “caridade” das esmolas “do povo”: “Na Sagrada Família – disse Gaudí – tudo é fruto da Providência, até a minha participação como arquiteto.”. E para resumir em poucas palavras, dizia: “Este templo será terminado por São José”.

Quando em 1915 os fundos para a conclusão do templo tornavam-se escassos, ele mesmo fez-se pobre, chegando a pedir esmola entre a rica burguesia de Barcelona para continuar a obra. Estendendo a mão pelas ruas e casas da cidade que o fez famoso, pedia um centavo, pelo amor de Deus”. Foi assim que começaram a surgir anedotas e lendas sobre um homem que renunciou ao dinheiro e à fama por um empreendimento que muitos consideravam impossível”.

Originalidade e simplicidade de Nazaré

Josep Manyanet e Antonio Gaudí eram guiados em seus projetos pela mesma idéia matriz.

Gaudí achava que sua responsabilidade era a de ligar com “cordão” de ouro” a criação de Deus, a natureza com a arquitetura. Procurava as soluções na natureza e as projetava na arquitetura. Dizia: “Minha mestra é a árvore do jardim que está frente à minha janela”“.

Estava convencido que a originalidade consiste em voltar às origens; original é, portanto, aquele que com novos meios, possibilita voltar à simplicidade das soluções primeiras”.

Manyanet dizia:

“Voltemos à simplicidade de Nazaré onde tudo teve seu início. Dirijamo-nos cada dia a Nazaré, porque eles, Jesus, Maria e José, são nossos mestres; busquemos neles os segredos”. para a reconstrução da família, da Igreja e de uma nova sociedade, com novos meios e nova mentalidade. Amarremos com um “cordão de ouro” a experiência daquela extraordinária família à vida das famílias de hoje, para transmitir bases sólidas que criam relações sadias e educativas”.

Ambos estavam fascinados pelo mistério da Encarnação.

Gaudí, no início do século XX, na periferia meio deserta de Barcelona, trabalhava na edificação da fachada do Nascimento, a única das três que foi construída sob sua direção. Quis começar com a fachada dedicada à Encarnação, “porque os mistérios da infância de Jesus são aqueles que falam mais diretamente ao coração do povo”.

Josep Manyanet também estava convencido que o caminho mais próximo ao coração do povo, para a edificação de boas famílias, deve sempre partir de Nazaré.

Gaudí, como testemunham aqueles que o conheceram, era um “santinho”, muito humilde, muito religioso. Ele construía a Sagrada Família e a Sagrada Família por osmose, o construía espiritualmente.

“Anda, reforma a minha casa”

Manyanet se identifica com o discípulo que cada dia aprende algo novo do mistério de Nazaré. Ele se dedica constantemente a aprofundar num conhecimento sapiencial e cordial. Para ele é preciso entrar em empatia, em simbiose com a Sagrada Família para deixar-se transformar por ela.

Amantes da simplicidade, os dois, como Francisco de Assis, possuíam um espírito extraordinário de pobreza e por isso, também para eles o Senhor diz: “Anda, reforma a minha casa”.

Gaudí responde a esta ordem construindo um templo com pedras que falam: “Quando se olham as pedras da Sagrada Família, vê-se o evangelho puro. A Sagrada Família é um livro para todo o mundo, para quem tem fé e para quem sabe ler com o coração e a mente”. O poeta García Lorca, visitando junto com Dalí, a fachada do Nascimento, testemunhava: “Olhando esta fachada eu sinto gritar! Escuto o povo que grita! Olho mais alto e o grito aumenta e se mistura com o soar das trombetas dos anjos, e não posso resistir...”.

Por isto, a arquitetura de Gaudí é mais bem compreendida pelas crianças que pelos arquitetos, porque as crianças não têm maldade, ainda conservam sua inocência. Vêem uma coisa agradável porque se assemelha à natureza, e a natureza dá prazer.

O cardeal Pietro Palazzini, prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, quando Josep Manyanet foi proclamado beato, teve como responsabilidade pesquisar os documentos e os testemunhos referentes à sua pessoa e à sua obra. Desta pesquisa, ele formou uma opinião pessoal: “Pelos estudos feitos sobre Manyanet e pelos escritos das testemunhas, eu o considero como um novo São Francisco de Assis, a quem um dia Jesus disse: “Anda, reforma a minha casa”. A casa a ser reformada da qual Manyanet havia sido encarregado, era a família, até então muito ameaçada na Espanha e em alguns lugares da Europa. Isto porque, como diz São Paulo, o carisma dos fundadores não é concedido como título pessoal, mas em vista do bem comum”(1 Cor. 2,11). Se cada fundador tem uma missão, o céu encomendou a Manyanet o cuidado da igreja doméstica, a família, sendo ela o objeto primordial de suas preocupações pastorais.

Manyanet pôde sentir o mal que foi causado à família por causa das novas doutrinas secularizantes e contrárias à religião; por este motivo estou certo que sua mensagem é atual e prioritária, tendo em vista os problemas familiares hoje existentes”.

Duas iniciativas com futuro

Outra coincidência da mesma importância, os une entre si.

Manyanet aos 31 anos, renunciou a uma carreira eclesiástica brilhante para dedicar-se ao carisma que o céu lhe confiava e que foi ocasião de tantas lágrimas e suores.

Gaudí aos 31 anos, já artista com futuro, recebeu a incumbência de construir o templo da Sagrada Família. Trabalhou nele durante 43 anos. A partir de 1910 renunciou a qualquer outro cargo para dedicar-se exclusivamente ao templo. No último ano de sua vida escolheu viver no templo, como faziam os antigos artistas e artesãos. Ele sabia que seu nome não podia estar unido à obra concluída: “Eu não gostaria de terminar os trabalhos, porque não seria conveniente. É necessário conservar sempre o espírito do monumento, mas sua subsistência vai depender das gerações a quem ela foi transmitida e com as quais a Igreja vive e se encarna”.

Gaudí foi sepultado na cripta, mas seu gênio de “artista total” permanece tão vivo e presente que, visitando sua obra de arte em construção sente-se a impressão de estar numa canteira das catedrais da Idade Média. O espírito e o fervor das obras é o mesmo... somente os andaimes e as estruturas precárias de antigamente foram substituídos por guias imponentes, elevadores, técnicas de trabalho de vanguarda, arquitetos, engenheiros e trabalhadores com capacetes brilhantes. Porém, alguns canteiros de flores bem cuidados, próximo às oficinas dos trabalhadores que vivem no templo, nos emitem a imaginar a beleza da natureza, da qual foram roubadas as mais audazes figuras

arquitetônicas do templo.

Ouve-se dizer que em 2005 estará terminada a fachada principal, a da Glória (atualmente estão construídas a do Nascimento e a da Paixão). Simultaneamente serão levantadas as duas “torres” mais altas, a de *Nossa Senhora* e a do *Redentor*. No ano 2020 o sonho dos dois santos chegará a ser uma realidade. O templo da Sagrada Família unirá para sempre a Santa Família à vida das famílias. Talvez seja este o ponto chave da mais justa interpretação para reviver a aventura humana na intensa vida de dois santos que de modo diferente cultivaram o mesmo sonho e que deixaram a nós e às gerações futuras a responsabilidade de realizá-lo.

Sobre Gaudí como artista, muitas coisas foram escritas, mas acreditamos que muito mais se escreverá dele como santo. Nestas poucas páginas desejamos percorrer em largas pinceladas, a vida de Josep Manyanet, suas instituições, seus “amores”, sua obra... e quem a lê encontrará sempre uma grande surpresa.

Capítulo 2

Uma infância que ilumina toda a vida

Josep Manyanet nasceu em Tremp, um povoado situado numa “Conca”[côncavo], abrigado pelos Pirineus, na Espanha. Era o dia 7 de janeiro de 1833. Foi batizado no mesmo dia na igreja de Nossa Senhora de Valldeflors [Vale das flores], situada a poucos passos de sua casa. Era o menor dos nove filhos.

Antônio e Buenaventura eram pais muito bons: ele trabalhava incansavelmente; ela, muito sensível e sempre atenciosa.

O pai trabalhava no cultivo de uma pequena propriedade da família, com a tenacidade típica das pessoas da montanha, que sabe quanto suor é derramado para tirar fruto de uma terra tão dura e, como diz a sabedoria popular, são capazes com sua obstinação de “tirar o pão das pedras”.

De seu pai, Josep herdará a nobreza de caráter, o sentido do dever, o amor ao trabalho inclusive manual e a tenacidade que, unidos à determinação e iniciativa de seu povo, farão dele um digno filho de Tremp (que em catalão significa: caráter, vigor, fortaleza de ânimo).

A mãe vivia atarefada na casa e no cuidado dos filhos, porém, sempre encontrava tempo para visitar e saudar a “Nossa Senhora de Valldeflors”, da qual era muito devota. Em suas visitas a Maria, sempre levava consigo Josep, o menor dos filhos.

Aquilo que se vive na infância tem influência determinante por toda a vida. Josep não teve uma infância fácil. A vida o conduziu prematuramente ao encontro da dor, do sofrimento e da pobreza. Muito cedo, com apenas 20 meses, ficou órfão de pai. Naquela idade não podia avaliar a idéia da morte, mas a ausência de um pai bom como Antônio, fez com que Josep sofresse durante muito tempo, mesmo quando já era jovem. Felizmente a mãe era uma mulher piedosa mas também firme e generosa.

O amor das duas mães

A coragem e a força com que a mãe, sozinha, levou adiante a família, o ajudará a ser um homem de grandes iniciativas e a intuir as necessidades de seu tempo tanto para os jovens como para as famílias e a dar uma resposta concreta com a obra que realizará. Não se deixará intimidar ante as dificuldades, feliz de poder gastar sua vida servindo aos mais pobres, e entusiasmando a muitos outros homens e mulheres que quisessem partilhar com ele o dom que Deus lhe concedeu.

A grande fé e a piedade da mãe fez com que Josep crescesse com uma grande confiança no coração. Uma das lembranças mais belas de sua infância foi aquela em que sua mãe Buenaventura, certo dia, o consagrou à Virgem Maria. Recordará este episódio ao final de sua vida, na página de seus escritos onde narra o acontecido e deixa transparecer sua sensibilidade, seu fascínio pela beleza, seu coração de poeta e seu grande amor. Ele mesmo diz: “Não foi um sonho, mas uma realidade que descrevi à minha mãe e ainda hoje, lembro-me perfeitamente”. Realidade esta que o acompanhou por toda a sua vida e um daqueles momentos que a iluminam para sempre:

“[...] Eu era (e tu o sabes bem, ó *Formosa* e sempre pura!), uma criança de cinco anos... Minha mãe (que agora está contigo no paraíso), conhecedora de meu amor pelo Belo, levou-me um dia com ela a *uma casa muito grande* onde vi uma Senhora de incomparável formosura, com os braços estendidos e *gesto suplicante*, de pé sobre um trono majestoso, envolta numa auréola luminosa e, ao redor da cabeça doze estrelas rutilantes; e, *com seus delicados* e fortes pés pisava a cabeça de uma grande serpente... *Aproximamo-nos*, e ao chegar perto da misteriosa Senhora, minha mãe ajoelhou-se a seus pés e eu a imitei inclinando-me para beijar o pedestal sobre o qual se erguia tão *grande Senhora*... Minha mãe falou em voz baixa, durante muito tempo com aquela *Beldade*... Eu, enquanto tentava adivinhar pelo movimento de seus lábios o que poderia estar dizendo, pousei meus olhos (que estavam fixos naquela *Formosura*) nos olhos de minha mãe e percebi que grossas lágrimas escorriam pela sua face.... Minha mãe chorava... O que a fazia chorar?, perguntei. Porém, ela, sem prestar atenção na minha pergunta, voltando-se para a *Bela*, entre amargos soluços lhe disse: ‘Maria, aí tendes o vosso filho..., este terno menino que vos ama ... Não permitais que, quando..., quando eu falte..., troque o vosso carinho pelo de...’ E, sem poder continuar, sua voz foi sufocada por abundantes lágrimas que vertiam de seus olhos... Eu também chorei... e chorando adormeci..., assim que fechei os olhos, vi com os da alma, (e não foi sonho mas realidade, pois o contei à minha mãe e ainda hoje recordo-me perfeitamente...). Sim, eu a vi... Eu vi aquela *Beldade*. Eu vos vi, ó bela Maria!..., quando, cheia de majestade e de compassiva formosura, inclinando suavemente a resplandecente cabeça, empunhando o cetro de vossa celestial monarquia..., abriste-me *os vossos braços* e me estreitastes contra o vosso *imaculado coração*. *Ó Maria, eu vos amo!*... Com este grito despertei, e minha mãe, aproximando-se de mim, disse: “Não chores, meu filho... Nossa boa Rainha escutou as minhas súplicas e... recolheu as tuas lágrimas!”...

Desde aquele dia, Josep sempre sentiu a proteção e a certeza de ser chamado, guiado e sustentado por Deus nas opções decisivas de sua vida.

Duas anedotas do menino Josep

Outros dois episódios de sua infância fazem com que ele fique mais próximo a nós quando, por um motivo ou outro, fizemos palpitar o coração dos pais pelo acontecido. Está narrado nas *Recordações de minha vida*.

O primeiro se deve à sua tendência de deixar-se fascinar pelo belo. Num dia de inverno assolado por uma nevada excepcional, o espetáculo das brancas montanhas dos Pirineus e a paisagem da *Conca* de Tremp recoberto de um manto branco, era um convite irresistível:

“Ao ver aquela imensa brancura, saí de minha casa numa manhã e, estando fora do povoado, comecei a caminhar sobre a neve gelada, e depois, com alegria, andei sobre ela por algum tempo, percebendo que a neve prodigiosamente me sustentava; de repente senti que estava afundando num precipício ou barranco cheio de pedras que, por causa da grande quantidade de neve, estava totalmente coberto. Logicamente devia morrer por causa do estrondoso golpe que dei sobre aquelas pedras. Não sei se motivados pelos gritos que dei ou porque me viram cair, dentro de alguns instantes me tiraram e me levaram à minha casa sem sentido e tiritando de frio. Minha mãe teve um desgosto muito grande. Com os remédios que me fizeram tomar reagi, mas continuei doente por um largo espaço de tempo”.

O segundo narra o espanto e a curiosidade nele provocados pela passagem dos soldados com vistosos uniformes que, como era costume na época, foram hospedados nas casas do povoado:

“Era a primeira vez que via militares. Em minha casa estiveram hospedados dois assistentes e minha mãe colocou à sua disposição todo o necessário para temperar a comida. Eu estava na cozinha vendo como eles preparavam as coisas. Um deles, tinha uma frigideira com grande quantidade de azeite que estava fervendo a todo vapor e, ao tirá-la do fogo, sem querer, a entornou toda em cima de mim. No mesmo instante fiquei prostrado por terra, desmaiado e com horríveis queimaduras em todo corpo. Minha família aprontou um alarme terrível. Estive longos dias de cama e os médicos

duvidavam que eu pudesse viver por muito tempo. Depois de grandes sofrimentos e tomando muitos remédios, mandaram que me tirassem a roupa interior que por causa das grandes chagas produzidas por aquelas queimaduras, estava grudada na carne, arrancando-me grandes pedaços de pele ao retirá-la”.

Órfão protegido por um sacerdote jovem

Um encontro decisivo para Josep, em sua infância, que marcará toda sua vida futura e sua decisão de tornar-se sacerdote, foi com o jovem D. Valentín Lledós:

“Josep Manyanet tinha pouca idade quando foi acolhido por Dom Valentín. Este, ao encontrá-lo certa manhã na igreja paroquial de sua cidade um tanto desgastado e tiritando de frio, depois de breve colóquio convidou-o para que entrasse com ele na igreja, participasse de sua missa e depois o levaria à sua casa para atendê-lo e veria com sua mãe o que poderia fazer por ele. Trouxe-lhe duas vestimentas (na casa de Dom Valentín eram alfaiates por profissão) e foi tamanho o carinho que este bom sacerdote sentiu pelo órfão Josep Manyanet que, desde aquele momento, tornou-se seu verdadeiro pai e decidido protetor”.

Desde aí, o ajudará em toda a sua caminhada. Josep, apesar de ser tão pequeno que não conseguia alcançar bem o altar, tornou-se seu coroinha. Inscreveu-o na “schola cantorum” e, em particular ensinou-lhe solfejo e música. Ao seu lado, cultivava as flores de seu jardim para que estas não faltassem nunca aos pés da preciosa imagem da Formosa Senhora de Valldeflors. (Estas experiências da música e do jardim o acompanharão sempre e as recomendará também às suas comunidades).

Com apenas sete anos e meio, coisa não comum em seu tempo, Josep fez a primeira comunhão. Preparou-se com alguns dias de exercícios espirituais dirigidos por seu melhor amigo:

“Além do senhor mestre [José Espessier], colocaram-me à disposição para tal fim meu amado protetor, o reverendo Valentín Lledós e algum outro sacerdote”.

A experiência, de ser “adotado” como filho por um sacerdote, será decisiva para sua futura vocação e para responder ao chamado de ser também ele um “pai” para muitos filhos. Escreverá numa de suas cartas: “Um pai basta para cem filhos; mas, cem filhos não bastam para um pai”.

Ele mesmo lembra que quando pequeno sentia-se chamado à missão de ensinar o catecismo e explicar o evangelho e a vida dos santos aos amigos de sua idade, reunindo-os em sua casa num quarto que sua “boa genitora” reservava para ele. Seus relatos e narrações se entrelaçavam e todos acompanhavam com atenção e gosto..., mesmo porque tudo terminava com um bom lanche oferecido por sua mãe.

D. Valentín mesmo, o preparou para ingressar nos estudos médios e logo após, o encaminhou aos padres escolápios para que o recebessem em Barbastro no conhecido colégio das *Escolas Pias*.

Aqui portanto se inicia outro capítulo de sua vida, uma vida de estudante que deve trabalhar para pagar seus estudos.

Capítulo 3

Estudante e trabalhador: pobre, mas simpático e atraente

Josep Manyanet era pobre e mamãe Buenaventura não podia pagar-lhe os estudos e ainda menos a hospedagem no colégio de Barbastro. Felizmente Dom Valentín Lledós conseguiu que os padres escolápios o recebessem como “criado”. Juntamente com outros trinta meninos (pobres como ele), tinha como obrigação estar à disposição da comunidade religiosa: ajudava na missa, encarregava-se de prestar serviços na cidade, servia e participava, de alguma maneira, na vida da comunidade. Em troca, não pagava comida, hospedagem, os gastos com os estudos e talvez nem a roupa.

Naquela época, ainda adolescente de apenas doze anos, “persuadido de que a vida não pode

ser um peso para muitos e um festival para alguns, mas sim um esforço para todos, da qual cada um terá de prestar contas, começou a questionar-se sobre como tornar útil e santa sua vida”. Este compromisso unido à sua força de vontade ajudou-o a superar a separação de sua mãe, a dureza da vida no colégio e a longínqua distância de sua amada “Conca” de Tremp.

A caminhada feita por Josep no decorrer daqueles anos, pode ser resumida em poucas palavras através do testemunho deixado por um seu companheiro de estudos: “Era, naquela ocasião, um jovem e um estudante exemplar em tudo. Modesto, aplicado, fervoroso e muito obediente. Sua virtude sobressaía em tudo e em todos os outros estudantes. Era de uma virtude simpática e atraente, sem afetação ou vanglória. Seu caráter jovial e ao mesmo tempo compassivo, fazia com que fosse respeitado sempre e em todo lugar”.

Mais tarde, como educador, estimulará os adolescentes e jovens a amar e cultivar a virtude, porque por meio dela o bem e a beleza se tornam fáceis, estáveis e gratificantes.

Estudante de filosofia em Lleida

Ao terminar os cursos de retórica e humanidades (de acordo com o currículo escolar da época), estava decidido a ser sacerdote. Por isto, sempre seguindo o conselho de Dom Valentín, foi ao seminário de Lleida para freqüentar os cursos de filosofia. Encontrou dificuldades, pois não o aceitaram como interno porque não pertencia àquela diocese e não havia mais lugar para ele como “criado”. Apesar disto, o bispo lhe concedeu licença para freqüentar as aulas como aluno externo. Teve de buscar seu próprio sustento, até que a família Morlius-Borràs o acolheu como professor de seus filhos. Assim, ele podia contar com a hospedagem e dinheiro para pagar seus estudos. Além disso, a família estava muito satisfeita com seus serviços. Josep, com um pouco mais de idade que seus alunos, educava-os de uma maneira equilibrada, a tal ponto que eles o escutavam mais que aos seus próprios pais: “Era suficiente um apelo de Josep para que eles se decidissem a agir, sendo mais eficaz o aviso de Manyanet que o de seu pai que era muito exigente”. O que recebia não chegava, no entanto, a cobrir os gastos da inscrição anual: 32 reales. Não era uma quantia muito elevada, mas não podendo dispor dela, pediu e ganhou a “matrícula de graça”, isto é, fizeram-lhe um abatimento de um terço ou da metade do valor total.

Com certeza, isto foi humilhante para Josep e, além disso, não era fácil trabalhar e concentrar-se nos estudos (como acontece a todos os estudantes que trabalham para manter-se!). Mas, apesar disso, nos dois primeiros anos conseguiu a qualificação de “Bonus” e no terceiro de “Meritissimus” (excelente).

Talvez foi a partir desta experiência que a decisão de dedicar sua obra principalmente aos mais pobres, amadureceu. “Os ricos - escreverá alguns anos mais tarde- têm colégios para educar seus filhos; façamos colégios para educar e instruir os filhos dos operários”.

Esta experiência de estudante e trabalhador vai se tornando fundamental à medida que vai discernindo com mais claridade a missão para a qual se sentia chamado, e seu projeto será organizado visando a educação e a família. Daqui derivou-se a idéia de uma pedagogia familiar e a necessidade de uma colaboração estrita entre a escola e a família.

Neste período foi copilado também o testemunho de um companheiro de seminário: “Josep Manyanet possuía o dom da suavidade porém, nunca ultrapassava os limites da retidão”. Isto favorecia o apreço dos professores e a admiração dos companheiros.

Provavelmente a simpatia e jovialidade de seu caráter, acompanhadas da atração de seus vinte anos, davam-lhe um aspecto tão chamativo que não demorou em que uma jovem mulher de grande poder aquisitivo se enamorasse dele. Para amarrá-lo, ela usou de uma estratégia, mas ele para afastá-la, não teve outro jeito que reagir com um sonoro peteleco. Defendia com transparência e decisão a castidade. Era educado e amável com todos, também com as mulheres, porém sem atar-se com compromissos afetivos que não o deixariam livre para viver plenamente sua missão de “padre” sempre disponível para atender a todos. Sabia que a castidade é a virtude que torna possível o amor verdadeiro e a força que conduz ao dom total e gratuito de si mesmo.

Na família do bispo de Urgell

Terminada a filosofia no seminário de Lleida, Josep Manyanet mudou-se para Seu d'Urgell, sede da diocese a que pertence Tremp, para continuar os estudos de Teologia. Justamente naquele ano foi reaberto o seminário pelo novo bispo José Caixal, que foi para Josep como um pai, conselheiro e ponto de referência. Desde o primeiro encontro o acolheu com amabilidade e, sabendo que era pobre e, apesar das dificuldades, continuava seus estudos, acolheu-o como familiar no palácio episcopal. Em troca lhe oferecia o seu sustento e assumia as mensalidades de todos os estudos teológicos. Josep respondeu com gratidão a generosidade do Bispo:

“Desde então, não fiz nada nem empreendi coisa alguma sem o consentimento e a paternal aprovação do meu virtuoso prelado e simultaneamente pai espiritual”.

Deste modo entrou na *família* do Bispo, constituída entre sete a nove (um vigário geral, um secretário, um mordomo, um pajem de câmara e outro sacristão, um cozinheiro, um criado e um porteiro). A vida no palácio estava pautada ao ritmo de uma verdadeira comunidade religiosa: todos participavam da missa e das atividades comuns da casa com pontualidade quase ao som do sino. Existia um regulamento (“*Plano de palácio*”) que devia ser cumprido pontualmente: “Não se tratará a ninguém de “você”, nem mesmo aos criados, e todos se amarão em Jesus Cristo... Tratarão com especial atenção aos forasteiros que venham visitar o senhor bispo; entregarão logo o recado e evitarão toda altivez e falta de educação”. Estava previsto o chamado *silêncio monástico*: “Não levantarão nunca a voz, guardarão silêncio desde o final da recreação da noite até a hora do café da manhã no dia seguinte; se for necessário dizer algo, será em voz baixa e somente o indispensável”.

Tudo isto com atitude de serviço ao outro, não como um mundo fechado em si mesmo: “Os familiares sacerdotes não se contentarão com as obrigações de seu particular ofício, mas, sempre que estas permitirem, confessarão, pregarão, visitarão os doentes e as prisões, ensinarão o catecismo, etc. Os não sacerdotes, além de dar exemplo e de confessar-se e comungar ao menos uma vez por semana, também procurarão acompanhar os doentes na sua etapa final rumo ao céu; evitarão visitas”.

O *Plano de palácio* descrevia pormenorizadamente a responsabilidade de cada um. Quais eram em concreto as obrigações de Josep como familiar ou pajem do bispo? Foram encontradas no citado regulamento: “O pajem -diz o artigo 18- alternará com o ajudante de câmara na leitura (durante o almoço e o jantar), em servir a mesa e na vigilância da ante-sala. Cuidará, ainda, da sacristia, de seus vasos, paramentos pontificais, etc., e se apressará em saber o que deseja o prelado ao primeiro toque do sino que se escute”.

Estes foram anos chaves para a formação de Josep Manyanet e para sua decisão de fundar duas comunidades religiosas.

Duas perdas irreparáveis

Superadas as dificuldades econômicas e com o consentimento e apoio do bispo, aproximava-se à meta do sacerdócio, porém, a dor e o sofrimento bateram de novo à porta de sua vida: no prazo de dois anos perdeu os entes mais queridos.

A 14 de maio de 1855, com somente 44 anos, morria Dom Valentín Lledós, seu pai adotivo e protetor.

A 10 de novembro de 1857 morreu Buenaventura Vives. A perda de sua mãe a quem ele chamava de “boa e santa”, foi um desenlace muito doloroso para o ânimo de Josep..., talvez se lembrou do despregar da roupa que soltava a pele da queimadura, quando ainda pequeno, foi queimado pelo azeite fervendo derramado pelos soldados. Ela que, sendo ele ainda muito pequeno, sonhava um dia vê-lo sacerdote, por um curto espaço de tempo não pode realizar seu desejo.

Josep Manyanet foi ordenado sacerdote um ano e meio depois, a 9 de abril de 1859, por Caixal de quem se considerava um filho e, por isso, quis que ele celebrasse também sua primeira missa solene na capela do palácio episcopal.

Capítulo 4

Para ser feliz seguiu a voz do coração

Depois de ordenado sacerdote, o bispo Caixal, sublinhando suas qualidades, o nomeou mordomo do palácio. Todos estimavam muito a Josep por sua capacidade organizativa e por sua fidelidade e entusiasmo.

O bispo se preocupava com a formação humana e intelectual do clero. Por esta razão deu a incumbência ao seu mordomo de reorganizar a biblioteca e abastecê-la com novos livros. Portanto, recebeu ainda o cargo de bibliotecário, com a responsabilidade de manter a biblioteca sempre aberta, exceto nos dias de festa.

Com o passar do tempo, a confiança e a esperança no jovem sacerdote aumentavam. Levava-o consigo às visitas pastorais que fazia nos vales dos Pirineus, principalmente durante o verão. As visitas eram autênticas “expedições missionárias” que duravam meses e não se limitavam aos aspectos burocráticos.

Os anos passavam ligeiros entre as ocupações do palácio, a administração e os compromissos pastorais e Josep, jovem sacerdote, sentiu-se cada vez mais chamado a comprometer-se com as famílias e a educação dos mais pequeninos. Começou a confidenciar com seu pai e bispo; este ficava triste e de mal humor quando Manyanet lhe falava em partir.

As longas noites de Urgell

Não foi uma decisão fácil. Na tradição dos Filhos da Sagrada Família, se fala das “longas noites de Seu de Urgell”. Noites nas quais se dedicou a meditar longamente e a rezar, tentando conhecer o caminho a seguir. Refletiu e refletiu prolongadamente... e quando sentiu em seu peito a voz de Deus que o chamava, foi “aonde lhe indicava o seu próprio coração”. Ciente de que é tarefa de cada ser humano conhecer bem o caminho para o qual seu coração o atrai e depois abraçá-lo fortemente sem vacilações ou lamúrias, em seus escritos convidará a todos a assim agirem para serem pessoas felizes:

“Deus tem pelos homens um amor tão grande, que os cuida com particular cuidado. Conhece a cada um interiormente e sabe com quais inclinações e qualidades enriqueceu a cada pessoa.. Por isto, com suavidade faz com que cada um se incline para o estado de vida que melhor lhe convém para que seja feliz e alcance a salvação.

Pode parecer coincidência, mas um encontro entre amigos, uma leitura comovente, uma explicação da Palavra de Deus que toca o coração, as desilusões e traições que surgem da vida e das pessoas de quem menos se espera e tantos outros acontecimentos, abrem caminho para fazer uma opção em vez de outra.

Cada chamado exige muito amor e fidelidade em troca da felicidade aqui e na eternidade.

Como um jardim é belo por sua diversidade de plantas y de flores e pela arte e bom gosto com que são distribuídas, assim a Igreja fica mais bela com a variedade das vocações que o Senhor lhe dá e depois distribui com *arte divino*. Não, não somos nós quem o escolhemos, mas ele é quem nos escolhe e nos chama, e de diversos modos nos guia para tornar-nos capazes de responder prontamente e de perseverar no caminho certo”.

Aos 31 anos, com apenas seis de sacerdote, abandonou a estabilidade de uma carreira eclesiástica promissora e bem programada, para dar continuidade a um sonho que o conduzirá por caminhos não explorados, muito mais difíceis e comprometedores do que os atalhos da montanha que estava acostumado a percorrer.

O Bispo demorou a aceitar a decisão de Manyanet, mas ao final o deixou partir. Abençoou-o e acompanhou com muito interesse o desenvolvimento de sua obra. Os acontecimentos e os encontros que fizeram Josep Manyanet decidir-se com determinação a dar uma resposta àquilo que acreditava ser um chamado para sua vida, contribuem para que seu projeto seja muito atual ainda nos nossos dias.

Ameaças contra a família

Naquele então, Espanha e Europa viviam uma época de grandes lutas até muito violentas contra a Igreja e suas instituições, a ponto de suprimirem as ordens religiosas e lançarem a perseguição aberta e cruenta contra seus representantes.

Entre tantos outros, também foi atingido o seu amigo, o bispo Caixal que depois de ser exilado em várias ocasiões, morreu em Roma em 1879.

E por causa destas lutas de poder político entre carlistas e liberais, a Igreja na Espanha ficou tristemente dividida. Seus homens se sentirão decepcionados de ambas as partes.

Porém, a luta mais forte travada naquele momento, tal como hoje, foi motivada por princípios ideológicos. O objetivo era descristianizar a sociedade, na Espanha e na Europa, começando pelo fundamental: a família.

Os instrumentos usados no tempo de Manyanet eram as armas e a imposição; em nossos tempos são a excessiva liberdade e o extraordinário poder dos meios de comunicação social, mediante os quais qualquer ocasião é boa para ridicularizar e banalizar a mensagem cristã. Hoje também o Papa João Paulo II, embora seja admirado e seguido pelos potentes meios de comunicação, quando faz referência à essência da mensagem do Evangelho e de suas exigentes opções, é visto como uma belo “vaso”: “Se a Igreja faz tais opções, ficará sozinha, pois nisto ninguém a seguirá...”, segundo alguns meios de comunicação.

A cultura dominante daquela época, como a de hoje, tratava de desestabilizar a família, dando a entender nas suas mensagens que a proposta cristã estava superada, era obsoleta, anacrônica, obscurantista..., contrária ao progresso da ciência e da evolução social. Somente uma proposta totalmente leiga e secularizada era capaz de prometer direitos e dignidade a uma sociedade nova...

Josep Manyanet, um século e meio antes intuiu que estávamos brincando (e ainda continuamos brincando!) com o futuro da humanidade. Sacerdote jovem, iluminado pelo Espírito, entendeu o que nos diz hoje a *Familiaris consortio*: “O futuro da Igreja e da sociedade depende em grande parte da família”.

Arriscando a própria vida

Muitos cristãos de outrora tal como os de hoje, não souberam responder a não ser calando-se ou acomodando-se à opinião reinante. O padre, no entanto, permaneceu intransigente e sendo ele um homem decidido, não teve medo de arriscar também a vida.

Encontrou-se entre duas revoluções: a de 1868 enquanto estava em Tremp e a de 1873, assim que chegou a Barcelona.

Em 1868 não retirou-se, continuou onde estava, mesmo sabendo-se perseguido, caluniado e publicamente ameaçado de morte: “Eu trabalhava por Deus, e estando Deus conosco, quem pode estar contra nós?”. Foi neste tempo que um dos jovens que lhe era muito hostil, numa briga entre soldados, assassinou um oficial do exército e por isto foi detido e encarcerado à espera de ser executado. Josep Manyanet sem titubear e arriscando a própria vida, foi desde Tremp até Seu d’Urgell com o fim de obter do governador daquela cidade o indulto a favor do condenado à morte que, juntamente com outros três companheiros foi seu pior inimigo, chegando ao extremo de atentar contra sua vida”.

A 11 de fevereiro de 1873, terminada a revolução, foi proclamada na Espanha a primeira República. Manyanet, “vestido à paisano e com longas barbas” foi fazer um passeio na *Ramblas*. Um senhor elegantemente vestido transformou a popular alameda da cidade num Hyde Park de Londres e fazia um verdadeiro comício onde a imagem da religião e da Igreja eram o alvo de seus ataques.

Manyanet reagiu: “O padre ardendo em santo zelo pelos ultrajes que sua fé era acometida, abriu caminho, passou entre os ouvintes e, chegando junto ao impostor se atreveu a contradizer sua idéias em voz alta, mostrando aos ouvintes a falsidade daquelas afirmações. A refutação foi feita com tamanha energia e eloquência que aquele emissário de Satanás emudeceu e foi incapaz de combater os seus argumentos. Estando o padre ocupado na defesa da verdade, percebeu que um indivíduo armado de pistola procurava aproximar-se a ele; mas, a tentativa de agressão foi em vão, porque Manyanet, sem saber como, afastou-se para bem longe daquela multidão livrando-se dos seus inimigos”.

As dificuldades dos inícios

Além destes episódios extraordinários os primeiros tempos da fundação foram muito duros em todos os sentidos e foi preciso que o padre usasse de toda sua força e coragem para seguir adiante.

Em 1865 havia começado uma escola em Tremp com cinco meninos abrigados num “primeiro andar”; de dia tiravam as camas e colocavam os bancos para que fosse possível dar as aulas e de tarde tiravam os bancos e colocavam as camas para que de noite pudessem dormir. No ano seguinte, as coisas já haviam melhorado de acordo com seu ponto de vista positivo:

“Nossas coisas já estão bastante ordenadas” - escrevia a Caixal-. Os estudantes são catorze; os internos oito. São poucos, mas todos os inícios são dificultosos. Faz falta um local, pois algumas coisas não podemos fazer tal como convém”.

Em 1868, quando estourou a revolução, o colégio que ainda estava iniciando, não fechou, mas ao contrário foi crescendo em número de alunos. No entanto, recebeu fortes pressões e imposições desorbitadas. Resistiu a tudo isto enquanto foi possível, mas, em 1875, teve de fechar suas portas durante dois anos.

Neste entremeio foi amadurecendo a urgente decisão de “descer” a Barcelona para estender sua obra nesta grande cidade e colocar-se a serviço dos ambientes mais pobres:

“Sinto em mim uma misteriosa força que há muito tempo me chama a Barcelona”.

Com mais três religiosos chegou a Barcelona em maio de 1872. Encarregara-se de uma escola da paróquia de São Francisco de Paula, patrocinada por uma “Junta de Senhoras” fundada por Dona Dorotea de Chopitea, uma benfeitora da cidade, fundadora das “Salas de asilo”. Nelas eram admitidas crianças de ambos os sexos, de quatro a seis anos, pertencentes às famílias pobres da classe operária e cujos pais não podiam ocupar-se deles por causa de seus trabalhos. Nos anos seguintes continuaram dando assistência às escolas da Junta Diocesana em outras paróquias e morando em casas alugadas.

Para cobrir as necessidades e resolver as dificuldades que com freqüência se apresentavam, o Padre Manyanet teve de viajar várias vezes de Barcelona a Tremp.

Discernindo a vontade de Deus

As maiores desilusões que teve nos inícios não eram provenientes somente das dificuldades econômicas ou do pouco êxito de sua obra, mas sim do esforço de comprometer outras pessoas naquela empresa que para ele era a “pérola preciosa” pela qual havia abandonado tudo.

Numa época em que o sacerdote se bastava a si mesmo, ele estava convencido que mesmo podendo trabalhar, “esforçar-se e fatigar-se, sozinho nada pode conseguir”. Usou de todas as estratégias para envolver seus amigos da diocese. Arcando com os gastos, enviou jovens para estudar, a fim de se tornarem sacerdotes e conseguirem o título necessário para dedicarem-se ao ensino: *mestre nacional*. Visava com isto, que futuramente pudessem ser bons educadores em seus colégios.

Sofria ao ver que eram poucos os que se entusiasmaram e o seguiam. A maioria, dada as dificuldades, não hesitaram em abandoná-lo. Quase ficou sozinho e, numa carta, confiou todas as dúvidas e amarguras ao seu amigo Caixal:

“...Às vezes penso que não foi mais que um ato de orgulho e vaidade minha e ainda que assim não fosse, meus pecados e faltas seriam obstáculos suficientes; pergunto-me por que devo meter-me nestas coisas quando poderia dar mais fruto confessando, pregando e exercendo outras funções...”.

Caixal o animou e aproveitou a ocasião para recomendar-lhe que estivesse atento à sua saúde: “Olhe, meu filho, é verdade o que lhe digo: Tudo o que está acontecendo são provas de que Deus quer esta obra e que a realizará se não desanimar. Contaram-me que está se matando em suas pregações, nas confissões, etcétera, e que trabalha com excesso. Por isso, o conselho que modere um pouco

mais seu entusiasmo, pois logo perderá a saúde se continuar neste ritmo de vida durante muito tempo”.

O Bispo que já havia superado o trauma de Manyanet decidir abandonar o palácio, apoiava sua obra. Numa carta de 1868, escrevia: “A obra de Manyanet está se formando na minha diocese e sob minha proteção”.

Josep então, arregaçou as mangas e continuou. Ele, que era um homem ativo e generoso, não suportará nunca a preguiça e a indecisão. Deixará escrito:

“Não bastam os bons desejos e a euforia inicial; é necessária uma decisão eficaz e contínua. Alguns, no entanto, são inconstantes e após haver empreendido seu caminho com livre vontade e alegria, se cansam logo e se conformam em viver uma vida medíocre e sem entusiasmo entregando-se à preguiça. Ficam satisfeitos com o pouco que fazem acreditando ser muito que estão fazendo e sempre estão insatisfeitos da vida. Tal indolência os leva a ter pouca auto-estima e cuidado consigo mesmo: é como se fosse uma doença grave que devagar vai conduzindo à morte. Neste caminho, não andar para frente equivale a andar para trás. Quem não deixa que os dons de Deus frutifiquem, torna-se cada vez mais pobre e amargurado. Nunca poderá gozar plenamente o dom da vida. Não sentirá nunca o sabor da doçura e das consolações de quem é generoso e atencioso.

Aquele que é preguiçoso e insatisfeito com tudo, não consegue entender a importância de seu chamado e, para ele, tudo perde o seu significado deixando-se arrastar pela vida.

Deus não deseja o nosso amor porque tem necessidade de nós (Ele é imensamente feliz e beatíssimo em si mesmo, não precisa de ninguém), porém quer que sejamos semelhantes a Ele e generosos com todos, e com todas as suas criaturas, assim como Ele é.

Cada pessoa deve sentir-se privilegiada pelo amor e eleição pessoal que Deus lhe deu.” (da *Escola de Nazaré*).

Para honrar Jesus, Maria e José

Após as decepções experimentadas nos primeiros anos, fez a primeira profissão religiosa a 2 de fevereiro de 1870 e, ao escrever pouco a pouco as “Constituições” dos Filhos da Sagrada Família, fez uma introdução que é um apelo muito claro àqueles que se decidirão a segui-lo:

«Todos aqueles que, com a graça do Senhor, foram chamados a esta Congregação, tenham sempre presente e procurem lembrar que, a exemplo de Jesus, Maria e José, não vieram para serem servidos mas para servir e entregar sua vida por todos e ganhá-los para nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, sejam conscientes que renunciaram às honras e dignidades e que devem procurar com todas as suas forças a máxima santificação de si mesmos, não só pela perfeita observância da lei, mas também pela prática dos conselhos evangélicos.

E como acolher as crianças e jovens, ensiná-los, instruí-los e formá-los segundo o Coração de Jesus é o fim de nosso Instituto e um ministério de contínuo sacrifício, é muito conveniente que sejamos homens crucificados a todas as coisas do mundo e o mundo em nós...; procuremos guiar os outros com as armas da justiça, usando-as habilmente tanto de uma parte como de outra, seja pela honra e desonra, pela infâmia ou boa fama, seja pela prosperidade ou adversidade, não visando outra coisa que não seja a maior glória de Jesus, Maria e José.

...Ânimo, pois, e adiante. “Conserva firme o que tens – vos digo com o discípulo amado - para que ninguém te roube a coroa”. Aquele que assim o fizer e perseverar até o fim, certamente receberá o dobro nesta vida e depois a eterna bem-aventurança».

Em 1874, num modo que lhe foi imposto pela obediência, isto é, tomando como base da nova congregação as chamadas religiosas do bispo Caixal, causa de muitos sofrimentos e contrariedades, fundou o ramo feminino com o nome de *Filhas da Sagrada Família*.

Finalmente, em 1877, Josep Manyanet abriu uma escola em Sant Andreu de Palomar, localidade próxima a Barcelona, hoje um dos bairros da grande cidade. Chamou-se “Colegio Jesus, Maria e José”. Por falta de recursos foi aberta num pequeno local, “Casa Salí”.

Com grande esperança e com ligeiro sentido de humor deu a notícia a um amigo seu:

“Aqui podemos fazer muito bem e acredito que o faremos com a ajuda do Todo-poderoso. O colégio está bem encaminhado, e confiamos que a casa onde moramos logo será pequena; acho que será necessário procurarmos um edifício próprio. Mas como fazer? -e acrescentava em catalão- *Pobre Josep, no t'faltaran mals de cap!* [Pobre Josep, não te faltar-te-ão dores de cabeça]”.

Capítulo 5

Suas “dores de cabeça”

Nas situações difíceis é quando as pessoas deixam transparecer seu caráter e revelam seu perfil humano e espiritual. Examinando a personalidade de Josep Manyanet, nota-se claramente o que o Espírito é capaz de realizar na vida de cada pessoa que se deixa envolver por ele. É precisamente nos momentos decisivos da vida que são enaltecidas as qualidades e as atitudes pessoais e se valorizam as raízes culturais e familiares. É evidente que a constância das pessoas da montanha e a determinação e audácia de seu povo, se convertem em “elementos de força” para realizar sua missão.

Para traçar o perfil de uma pessoa, sem exceder-se em elogios, mas também sem causar-lhe prejuízos, é necessário confiar no testemunho de quem, durante longo tempo viveu ao seu lado.

Alguns traços de sua personalidade

A imagem mais exata que temos de Josep Manyanet, é aquela que permaneceu na lembrança dos que vivem em Sant Andreu de Palomar, o bairro de Barcelona onde, como dizíamos, ele iniciou sua obra: os religiosos, que ainda trabalham naquele lugar, são chamados de os filhos do “padre”. É a lembrança de um *padre* de coração magnânimo que amava e era amado por todos. Era participante na vida das famílias e próximo aos pobres e especialmente aos mais carentes, como muito bem nos lembra Jacinto Mateu, um de seus sacerdotes colaboradores: “Atraía tanto as crianças que, assim que o viam, corriam para beijar suas mãos que sempre tinham doces, balas e qualquer outra guloseima. Era, por fim, manso, afável e bom para com todos, mas principalmente com os pequeninos a quem unia a arte com a seriedade. Certa vez, encontrou no pátio uma criança pobre que chorava de frio, pois não estava muito agasalhada. Ele tratou de consolá-la e começou a chorar com ela, mas dentro de pouco tempo os dois começaram a rir...”.

Quem colaborou desde o princípio com ele, partilhando juntos os esforços e as alegrias, tem retida na memória a idéia de uma pessoa elegante e amável, um grande senhor. Era amante da pobreza, mas também da limpeza e da generosidade. Contava o irmão Francisco de A. Sala, porteiro do colégio de Blanes (localidade da Costa Brava): «Um dia, quando beijava sua mão, percebeu uma mancha que eu levava na batina. Então, amavelmente, me deu um beliscão, dizendo-me: “Esta mancha não fica bem aqui; consegue um jeito de tirá-la”».

Buenaventura Mullol, que o acompanhou durante grande parte de sua vida, conservava dele esta lembrança: “Durante os quarenta anos de convivência, nunca tive motivos para entrar em desacordo com ele e por isto aprendi a amá-lo e a dedicar-lhe uma autêntica veneração. O Padre Manyanet possuía uma elegante personalidade e maneiras delicadas em suas relações. Tinha um caráter enérgico, porém mostrava-se educado e simples, sem precipitar-se nunca no seu agir. Antes de decidir alguma coisa, ponderava-a sempre na oração”.

Salienta ainda ele que no trabalho era uma pessoa incansável, inclusive a ponto de comprometer a própria saúde: «Manyanet amava muito o trabalho. Toda sua vida estava muito bem ordenada e desde jovem tinha um diário de trabalho e de disciplina pessoal que sempre o conservou. Por este motivo sempre foi eficiente e constante. Li uma carta na qual o bispo lhe dizia: “Sei que te estás matando pelo excesso de trabalho em promover a vida de piedade. Aconselho-te que tenhas um pouco de moderação, pois poderias perder a saúde”.

Seu médico pessoal também recomendava o mesmo suplicando-lhe que limitasse suas atividades e minorasse sua austeridade e penitências”.

Ele, porém, como todos os homens generosos, estava convencido que é necessário comprometer-se até o fim, pois, para descansar temos toda a eternidade.

Pedro Verdós, que escreveu a primeira *História da Congregação* em 1890, dizia dele: “Seu relacionamento é doce e amável e à primeira vista parece descobrir-se nele um homem de vida repousada e quieta... Mas, quando se entra no profundo revela ser uma pessoa de uma atividade sem limites, de uma vontade de ferro e de uma integridade de caráter incomparável”.

Outra das belas características da personalidade de Josep Manyanet brota da memória de quem viveu longo tempo com ele: era um homem sem fingimentos, transparente e amante da verdade, autêntico em suas intenções:

“Poderei ter mil defeitos, como qualquer filho de Adão, escrevia. Mas, pela grande misericórdia de Deus, amei sempre a retidão de intenção, a justiça e uma santa nitidez e simplicidade evangélica”.

Segundo o P. Mullol “era um homem de paz e confiava sempre na bondade dos outros:

“Prefiro que me enganem cem vezes, - disse um dia - antes de eu enganar, mesmo que seja uma só vez”.

Por isto, se fíou sempre da boa fé dos outros, e, infelizmente, como consequência, teve grandes desilusões.

A traição de alguns colaboradores

Suas maiores “dores de cabeça” foram provocadas uma vez mais, não tanto pelas dificuldades de fazer frente aos problemas econômicos, mas principalmente pela traição de seus colaboradores: Juan Barber e Montserrat Massanès, dois religiosos muito ambiciosos que queriam ocupar seu lugar na direção das duas nascentes congregações: “Com suas palavras meigas e manifestando grande zelo..., os dois armaram uma traição dissimulada e desprezível campanha contra o padre Manyanet, logrando por tais meios seduzir e enganar diversos personagens de virtude e santidade”.

No entanto, o que mais o fez sofrer foi terem eles conseguido ganhar para seu intento a amigos do seu coração, entre eles, o mais amado: o bispo Caixal. Estando exilado em Roma, havia recebido muitas cartas (algumas anônimas), nas quais borbulhavam acusações contra Manyanet e se criticava sua atuação no instituto feminino. Talvez tivessem interpretado o traslado da Congregação masculina para Barcelona como um meio de afastar sua obra da dependência da diocese de Urgell. Consta que o bispo, escrevendo a uma religiosa, deixou transparecer a sua idéia: “Mais que tudo, temo seja verdade que o padre Manyanet se desviou do caminho. Estou ciente das várias coisas e desatinos que fez (...). Necessitei muita coragem para ler essa quantidade de loucuras e esse abandono de seus deveres”. Pessoalmente, escreveu cartas duríssimas para o padre e, em duas ocasiões, se negou a recebê-lo:

“Nada, meu pai, poderia causar-me maior dor neste mundo, fora do pecado, que me afligisse tanto, como meu pai espiritual negar-me sua casa já por duas vezes...”.

Manyanet confia na sua obra e propõe ao bispo que tome uma posição, com o intuito de salvá-la :

“Sei que o Senhor quer essa obra... e sendo assim, meu pai, é fácil o remédio; façam comigo o que os marinheiros fizeram com o profeta Jonas...”.

Todos carregamos nas costas as feridas da vida que não cicatrizam nunca, e as mais dolorosas são os abandonos e as traições dos amigos. Assim aconteceu a Josep Manyanet que acreditava na amizade e tinha uma particular sensibilidade de alma. Jamais esperava uma repulsa tão grande daquele que para ele foi “um pai” desde que o recebeu como familiar em seu palácio. Com uma sentida evocação, lhe escreverá: “Se mais tarde o Padre me concede a felicidade de vê-lo e abraça-

lo...”Mas, não foi possível porque o Bispo morreu antes, e mesmo assim, na última carta, ele o chamará de “pai” dezessete vezes.

Josep Manyanet, nos últimos 16 anos de sua vida, como consequência de umas operações cirúrgicas, tinha feridas no lado que não cicatrizavam, mas com certeza lhe doíam menos do que esta que lhe havia penetrado no mais íntimo. Com muito mais serenidade aceitou a decisão tomada pelo novo bispo Salvador Casañas, de destituí-lo de superior geral da congregação feminina: “Achamos conveniente determinar que por agora e enquanto não decidimos outra coisa, o senhor se abstenha de exercer seu cargo de superior ou diretor do Instituto da Sagrada Família, cuja direção, tanto no espiritual como no temporal, nós assumimos pessoalmente”. Ressaltou nesta ocasião, outra de suas qualidades: a obediência incondicional. Sofreu a humilhação de passar por duas “visitas canônicas”, até que tudo foi esclarecido e ele teve forças para seguir adiante.

A pobreza como opção de vida

Manyanet enfrentou sempre e com muita decisão os problemas econômicos. Como já vimos, desde criança, estudante, seminarista e fundador, a pobreza foi sempre sua companheira. Numa ocasião confessou que não tinha nem dinheiro para o bonde. A falta de recursos econômicos era tão grande que, em alguns momentos, qualquer um haveria desanimado. Entretanto, uma das suas regras era: “Não desanimar-se nunca e... tudo esperar de Deus”.

Esta grande confiança na Providência passava pelas mãos de São José, a quem costumava entregar cada dia as chaves da casa e, simbolicamente, das duas congregações, para que não lhe faltassem pessoas e recursos. Bastavam os meios necessários para encarar as necessidades e não para ter lucro, como recomendava às religiosas:

“É preciso tornar acessível a instrução cristã, na certeza de que este é o espírito da Sagrada Família: do restante, São José cuidará... A questão é ter a quantia necessária para fazer o bem e não para fazer negócio, como infelizmente fazem muitos colégios. Nossa missão principal (depois da própria santificação) é a de santificar almas e não comercializar com nosso ministério”.

Ele, a partir da pobreza de recursos, mediu sua capacidade, como bom catalão, de realizar grandes coisas com o pouco que tinha à sua disposição. As penúrias muitas vezes foram causa de preocupação e incertezas, mas Josep soube fazer com que aquilo que se apresentava como necessidade, se transformasse em escolha de vida. Uma opção de vida pobre e austera para si mesmo e para quem o seguiam e seguirão.

Qualificou-a como um chamado a estar próximo aos mais necessitados apesar da pobreza de meios à disposição:

“Ocupai-vos principalmente dos mais carentes na escola elementar e na superior, nas escolas profissionalizantes, agrárias, de ofícios... Estas pequenas profissões que são acessíveis à classe pobre”.

Não permitiu nunca que nenhum aluno ficasse fora de suas escolas por falta de recursos por parte da família.

Foi precisamente esta opção e a confiança na proteção de São José que em 1892 se viu livre das ameaças de uma multidão revolucionária que se dirigia à sua escola com não boas intenções.: «Efetivamente, chegaram ao estabelecimento e furiosamente tocaram a campainha. Josep Manyanet abriu a porta e lhes disse:

“Este colégio está cheio de crianças nas salas de aula, são pobres e protegidas por São José”. O chefe do grupo, fixou seus olhos no padre e lhe disse: “Se são pobres, respeitaremos o colégio”, e saíram em silêncio».

Seu amor aos animais: gatos... e ratos

Josep Manyanet manifestava ainda a amabilidade e o domínio de seu caráter no amor que tinha aos animais. Não suportava que os maltratassem e, dentro ou fora de casa, repreendia quem ousasse feri-los. Dizia sempre:

“Quem não tem caridade para com os animais , demonstra que não a tem nem mesmo com as pessoas”.

É muito engraçada a anedota contada pelo cozinheiro da comunidade: Meia hora antes da comunidade reunir-se para o jantar ele chegava, e eu o esperava no refeitório para que jantasse antes, pois precisava fazer curativo nas feridas que tinha no lado desde que, numa operação, os cirurgiões extraíram dele três costelas; jantava antes da comunidade para que o enfermeiro pudesse fazer o curativo e terminar a tempo de chegar para o último exame. O enfermeiro era o irmão Francisco [Pinós], carpinteiro, operário finíssimo muito piedoso. Pois bem, o padre saía da sua cela e três gatos o esperavam na porta. O padre lhes dizia: ‘Vamos’; e os três gatos, como se fossem gente o seguiam rapidamente pela escada e pelo corredor e, ao chegar à porta do refeitório, os animais paravam. O padre abria a porta e lhes dizia: ‘Adiante’. Eles, como em procissão seguiam até a presidência do refeitório; paravam à sua frente e esperavam que o padre se sentasse. Então, os gatos se colocavam cada um em seu lugar: um à direita, outro à esquerda e o terceiro no meio, sozinho. Eu servia a janta ao padre. Os gatos sem mexer-se esperavam alguma coisa.. Então o padre dava aos três animaizinhos pedacinhos de pão para que nenhum saísse do seu lugar para roubar os outros. Assim ficavam até terminar a janta. Quando o padre se levantava para agradecer, os gatos não se movimentavam. Ao dizer-lhes ‘Vamos’, os três em fila iam adiante do padre. Este abrindo a porta, ordenava: ‘Subam’ e os três pobres animais, percorrendo o corredor, iam em direção à escada e subiam até a porta da cela. Ali ficavam esperando que o padre os abençoasse e depois saíam correndo para os galinheiros. Isto acontecia cada dia”.

Josep Manyanet sempre sabia enfrentar suas dores de cabeça com uma pontinha de bom humor e de ironia que o tornavam cordial e simpático. Descrevia o espírito que animava (e anima) a cidade de Barcelona e os seus habitantes com tamanho acerto e repleto de tanta ironia que poderia fazer mérito numa das colunas de primeira página dos diários atuais de maior prestígio.

“Sabe-se que nesta cidade tudo se vende e tudo se faz com grande pompa e negócio proveitoso. Deste modo, eu, desejoso de apresentar alguma novidade ao muito caprichoso povo barcelonês, achei que não haveria nada melhor que colocar em exposição uma magnífica coleção de ratos instruídos, disciplinados, famosos e pomposos, e, como estou certo que em nossa casa-colégio durante este tempo de férias e fechamento os teremos em abundância dentro das indicadas condições, uma vez que nela tiveram tempo de sobra e meios para isto, espero que, se for possível me digas, o número exato dos que lá residem e os que estão reservados para a exposição indicada”.

Capítulo 6 O amor de sua vida...

Sem amor não se pode viver. Cada um de nós vive “um tempo especial” no qual dentro do próprio coração nasce e cresce o *amor* que marca para sempre sua vida e suas decisões.

Josep Manyanet, ainda jovem, deixou-se fascinar pela devoção a Maria. Motivado por seu próprio nome, sentiu uma atração particular por são José e os dois, Maria e José, o conduziram a Jesus. Em Nazaré, sentia-se como em sua “própria casa”: era um filho que penetrava e gozava a intimidade da Sagrada Família. Gradativamente isto se converteu no grande amor de sua vida, o cerne e o ponto de apoio que movimentou toda sua existência: “Ao fazer a experiência espiritual da intimidade de vida com Jesus, Maria e José, fez-se filho, testemunha e apóstolo do mistério da Sagrada Família” (*João Paulo II*).

Nazaré, um carisma para a Igreja

Chegou a ser o carisma e o dom espiritual que ele deixou à Igreja: entender profundamente o realismo da encarnação do Filho de Deus que realiza a redenção da humanidade no seio e com a ajuda de uma família humana. João Paulo II na carta às famílias escreve: “No mistério da Sagrada Família o Esposo divino redime a todas as famílias e proclama o *Evangelho da família*”.

Josep Manyanet, desde que descobriu a riqueza da casa de Nazaré tornou-se um apaixonado por ela e nela fez sua morada contemplando e escutando com o coração as coisas que Jesus, Maria e José gradativamente lhe sugeriam para a concretização do trabalho com os jovens e as famílias.

Entregou toda a sua vida para que a Sagrada Família fosse um ponto de referência para todo cristão, para todas as famílias, para as comunidades religiosas, para a Igreja e para a sociedade.

Nota-se em seus escritos como ele está convicto de que qualquer pessoa que se aproxima com ânimo aberto deste mistério, se enamora dele.

Não se trata de uma devoção a mais, mas sim de um caminho mais breve e simples para alcançar a verdade e a intimidade mais profunda com Deus-Trindade do céu. A *Trindade da terra* (é assim que ele chama muitas vezes a Sagrada Família) é um elo de ligação necessário para chegar às alturas de Deus e à profundidade de seu mistério. Porém, não nos deixa em suspense, mas nos leva ao seguimento de Jesus na consolidação e simplicidade da vida diária.

Uma escola do Evangelho

Em seu livro *A Escola de Nazaré e Casa da Sagrada Família*, ele se coloca na posição de aluno que se confia docilmente nos ensinamentos de Jesus, Maria e José. Antecipa-se ao Papa Paulo VI quando na sua visita a Nazaré a 5 de janeiro de 1964 dirá: “Nazaré é o lugar onde se começa a entender a vida de Jesus na escola de seu Evangelho... Nesta escola, compreendemos a necessidade de uma disciplina espiritual se quisermos seguir os ensinamentos do Evangelho e sermos discípulos de Cristo... Como gostaríamos de voltar a ser crianças e retornar a esta humilde mas sublime escola de Nazaré!... A primeira lição que se ensina em Nazaré é a *do silêncio*: Como desejariamos que se renovasse e fortalecesse em nós o amor ao silêncio, este admirável e indispensável hábito do Espírito, tão necessário a nós que vivemos atordoados com tanto barulho, tanto tumulto, tanto alarido de nossa barulhenta e extremamente agitada vida moderna. Silêncio de Nazaré, ensina-nos a ser recolhidos e interiorizados, ensina-nos a estar sempre dispostos a escutar as boas inspirações e a doutrina dos verdadeiros mestres. Mostra-nos a necessidade e o valor de uma conveniente formação, do estudo, da meditação, de uma vida interior intensa, da oração que só é vista por Deus”.

Josep Manyanet afirmava que o silêncio de Nazaré era uma escola de perfeição para todos aqueles que sabem escutar a voz de Deus e procuram fazer sua vontade.

Um desígnio de Deus para as famílias

Também para as famílias, a Sagrada Família não é uma simples devoção, mas sim um referencial para sua própria vida e um modelo firme e irrefutável, que nos aproxima ao modelo original: a *Trindade do céu*. A Sagrada Família é a *Trindade da Terra* porque nela as opções diárias e os gestos criam uma paz, um intercâmbio contínuo das diferenças e qualidades, uma atenção ao futuro e à felicidade do outro que envolvem Jesus, Maria e José na mesma lógica de comunhão que une ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Nela, o Filho de Deus encontra, num ambiente humano, aquilo que sempre viveu na eternidade e por isto tem condições de aproximar o céu da terra.

Traduzindo seus pensamentos na linguagem atual de Tonino Bello, a Sagrada Família foi para toda a humanidade e para as famílias de cada geração a primeira *agência periférica da Trindade*: um laboratório que produziu as mesmas lógicas e viveu as mesmas experiências de comunhão. Uma imagem da Trindade que estimula e convida todas as famílias à comunhão e à paz.

Josep Manyanet estava convencido que a simplicidade da vida das famílias necessitava da mediação da Santa Família para que se aproximasse e achegasse ao poço do grande mistério de Deus e para tirar água do grande *oceano de paz* da Trindade beatíssima. Ele dizia:

“As famílias que imitam mais e do melhor modo possível os exemplos da Santa Família de Nazaré, Jesus, Maria e José, são as únicas que gozam de uma paz estável”.

Escreveu um livro para as famílias intitulado *Preciosa jóia de família*. Descreve nele a doutrina e os exemplos que os pais podem aprender na Santa Casa de Nazaré para viver em harmonia como casal e para uma boa educação dos filhos. Sintonizando com o pensamento de dois grandes Papas de nosso tempo, João XXIII a 4 de outubro de 1962, em Loreto: “Eis aqui o ensinamento de Nazaré: famílias santas, amor abençoado, virtudes domésticas que brotam no calor de corações ardentes, de vontades generosas e boas”. E Paulo VI, na já citada ocasião: “Que Nazaré nos ensine o significado da família, sua comunhão de amor, sua simples e austera beleza, seu caráter sagrado e inviolável, sua pedagogia suave e insubstituível e sua fundamental e incomparável função no plano social”.

Josep Manyanet desejava que toda família aproximando-se com assombro e contemplando o amor, a harmonia e a paz que reinavam em Nazaré, pudesse despertar no seu interior a saudade e o desejo de começar a ser “um novo Nazaré”. Seu sonho está resumido em cinco palavras: “Um Nazaré em cada lar”.

Estava convencido ainda que a bênção de Deus que se derramou sobre a humanidade através das humildes pessoas de Maria e José, é uma bênção para todas as gerações e para as famílias de todos os tempos. A maternidade de Maria e a paternidade de José superam a eles mesmos, ultrapassando os muros da pequena Casa de Nazaré para abraçar a cada pessoa, à humanidade inteira de todos os tempos e de todos os lugares.

Tinha certeza que a “Sagrada Família era um projeto de Deus para todas as famílias”. Foi por esta razão que ele anunciou ao mundo e a todas as famílias o Evangelho da Sagrada Família, propondo-a como um modelo a ser imitado” (*João Paulo II*).

José de Nazaré e Josep Manyanet

Como já dissemos, e por causa de seu próprio nome, Manyanet se sentia inclinado para pessoa mais humilde da Sagrada Família: são José. Tem com ele uma relação de confiança. Entrega tudo em suas mãos. Abandona-se nele nos momentos de grande dificuldade. Dele espera tudo. Com o coração aberto escreve amplamente sobre ele dedicando-lhe uma coleção de 31 visitas” (*Visitas a São José*).

Josep Manyanet segue a espiritualidade de santa Teresa de Jesus e se antecipa à época em que toda a atenção da Igreja estará voltada para a pessoa de são José (a 8 de dezembro de 1870 Pio IX o declara patrono da Igreja universal) como também a de muitos santos. Anuncia e prevê junto com eles, um tempo “novo” na vida da Igreja que, na afirmação de Jean Guitton deve ainda chegar. “Creio que o verdadeiro tempo de são José não chegou ainda: depois de dois mil anos, somente agora começamos a entrever algo do vertiginoso mistério no qual está imerso”.

É quase uma estrela longínqua que para fazer chegar a sua luz sobre a terra, necessita de muitíssimos anos. Mas, logo que chega iluminará com uma luz diferente a esperança dos filhos de Deus e o caminho dos simples. Enquanto isto não acontece, Manyanet nos oferece boas “instruções de uso”, para que, desde agora se vislumbre os reflexos daquela luz que nos indicam qual o caminho a percorrer.

O Papa João Paulo II, na *Carta às famílias* irradia um fragmento daquela luz quando afirma: “É também graças a são José que o mistério da Encarnação e com ele, o mistério da Sagrada Família está gravado profundamente na genealogia de cada família humana. Aquilo que Paulo chamará de “grande mistério” encontra na Sagrada Família sua mais alta expressão. Deste modo, a família se coloca no centro da Nova Aliança”.

Um vivo desejo de permanecer em Nazaré

Josep Manyanet quis que suas comunidades religiosas, os *Filhos da Sagrada Família* e as *Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré*, não fossem somente portadoras deste nome, mas estivessem intimamente ligadas à experiência da Sagrada Família sentindo-se uma verdadeira família que, seguindo o modo de ser de Nazaré, fosse uma comunidade de vida, de amor, de oração e de trabalho.

A amizade com a Sagrada Família tem de ser cuidada, pois, como diz a sabedoria popular, “o caminho que conduz à casa dos amigos, se enche de espinhos se não é freqüentado”. Com uma proposta muito simples e sempre atual, Josep Manyanet sugere que se faça uma breve *visita a Nazaré* uma ou mais vezes ao dia. Isto sustentará o amor de Amigos tão especiais para acolher seus ensinamentos. À sua filha espiritual, sor Encarnación Colomina recomendava:

“Entra várias vezes ao dia na pequena casa de Nazaré e mesmo que seja brevemente saúda e permanece com afeto e submissão na companhia de Jesus, Maria e José. As outras devoções, se as podes conservar sem muito esforço, conserva-as; se não, deixa-as sem nenhum escrúpulo”.

No livro *A Escola de Nazaré e Casa da Sagrada Família* recolhe 43 visitas que foram realizadas na pequena casa de Nazaré. O padre se identifica com *Desidéria* usando a linguagem dos namorados que sentem o desejo de sempre se encontrarem com freqüência e de permanecerem sempre juntos.

Quem seguir esta sua sugestão, partilhará com Josep Manyanet a alegria de permanecer e descansar um momento em Nazaré para escutar aquele “silêncio” que fala e lembra a um Deus humilde e enamorado da humanidade. Encontrá-lo-á encarnado lá onde Ele está presente, em cada homem ; não o buscará nas nuvens. Terá a impressão de voltar a escutar sua voz, hoje. Ajuda-lo-á a tornar-se filho, discípulo e apóstolo da Sagrada Família, cheio de nova sabedoria e de nova coragem.

A espiritualidade de Nazaré

Quem vive a imitação do mistério de Nazaré é uma pessoa serena,, equilibrada, concreta e, ao mesmo tempo voltada para o sonho que Deus pôs no seu coração. É portanto uma pessoa sempre ativa e valente, mas também firme.

A espiritualidade de Nazaré valoriza o ordinário e o cotidiano, não vai em busca de coisas importantes, mas de coisas simples”. É um caminho de ocultamento e humildade, sem a corrida para o sensacionalismo, mas dando valor às pequenas coisas, valorizando a presença doméstica de Deus”. Uma espiritualidade que cuida dos detalhes, num caloroso acolhimento às pessoas e numa elevada qualidade das relações, que é capaz de transformar até o gesto mais monótono em uma festa e uma alegria. É uma espiritualidade familiar que faz com que todos se sintam amados e importantes, como acontecia na Sagrada Família.. O amor dos *Amigos* (e dos amigos dos Amigos) se converte em bênçãos para todos.

Para os esposos cristãos visitar Nazaré é uma maneira de reforçar a relação com aquela Família, para que recaia sobre sua vida concreta; reavive as relações; ajude no respeito, acolhida e confiança recíproca; renove a esperança; dê ânimo e força nas dificuldades pequenas e grandes; acostume-se a abandonar-se nas mãos da Providência; convide ao perdão e faça crescer o amor.

Josep Manyanet sonhava que esta “devoção”pudesse renovar a sociedade. Não um conjunto de práticas piedosas, mas o esforço concreto de seus *filhos e filhas* e das famílias mediante a educação dos pequenos e dos jovens para que depois se convertessem em artífices de um mundo novo mais justo e solidário.

Embora as origens da devoção à Sagrada Família devem estar situadas numa época muito remota –praticamente coincidem com os primeiros tempos do cristianismo-, foi somente durante a segunda metade do século XIX que teve um impulso extraordinário em toda Europa. Os papas viram nela um meio providencial para a restauração da vida cristã e a propuseram com determinação. Pío IX aprovou as primeiras associações da Sagrada Família. Leão XIII, no seu breve apostólico *Neminen fugit* (14-6-1892), ressaltou as bases teológicas e o alcance religioso e social da devoção à Sagrada Família e instituiu sua festa nas semanas sucessivas à festa de Natal: “Ninguém ignora que o bem do indivíduo e da sociedade dependem unicamente da instituição doméstica...”.

Levar Nazaré ao mundo

Josep Manyanet, antecipando alguns anos este e outros documentos pontifícios, foi o iniciador e o grande apóstolo desta devoção na Espanha e a difundiu incansavelmente de palavra e por escrito. Uma grande parte de seus escritos, estão dedicados a aprofundar e a desenvolver este tema predileto.

Para a difusão desta devoção entre os fiéis, publicou também a revista *A Sagrada Família*. Em janeiro de 1899, desde a rua Elisabets, 19 -onde se encontrava a sede da casa geral da congregação masculina- publicou o primeiro número. Na primeira página, sob o título “Nosso objetivo”, escreve:

“O título desta humilde publicação sintetiza nosso programa; ele manifesta quem somos e para onde vamos. Somos filhos amadores da Sagrada Família e vamos tentar um *esforço para colocá-la no seio de suas famílias* [a cursiva ressalta a relação desta iniciativa com o carisma religioso e a missão apostólica do padre Manyanet]. Considere-se a boa intenção e o ardente zelo pelo temerário do empreendimento.

A Sagrada Família será nosso lema, nosso ponto de partida e o fim de nossas aspirações. A Sagrada Família deseja ser conhecida; a santidade do venerável Leão XIII o suplica, o estado atual da sociedade assim o exige. Propagar, pois, esta devoção, fazer brilhar neste século de falsos resplendores as virtudes da casa de Nazaré e acalantar os corações no amor de Jesus, Maria e José, esse é nosso objetivo”.

Josep Manyanet, com a intuição do “profeta”, deu-se conta de que se estava organizando uma aberta batalha sobre a família para mudar a sociedade. Naqueles anos, Karl Marx também pensava que a família era o motor da história, mas seu objetivo era totalmente diferente e isto ele o declarava abertamente. Numa crítica a Feuerbach dizia: “Ao descobrir na família humana o segredo da Sagrada Família, é necessário demonstrar teoricamente que este conceito é falso e praticamente revolucioná-la”. A estratégia era a mesma: o meio que ele considerava mais idôneo, para alcançar o fim era a instrução e o “adoutrinamento” das crianças.

As estratégias contra la família, ontem e hoje

Em nosso tempo, quando pensamos que a ideologia marxista já está fracassada, o plano de “revolucionar” a família permanece em pé, embora de modo mais dissimulado. Esta é a planificação no “Informe Hite sobre a família”, de 1994.

Incomoda que estejamos *ainda* “vivendo num mundo cuja percepção familiar vem filtrada no modelo da “sagrada família” com seus ícones de Jesus, Maria e José.

Certamente, alguém podia rebater dizendo que hoje em dia as pessoas não pensam assim. A família moderna não é religiosa, a maior parte do povo não é católica, e assim poderíamos continuar. No entanto, estamos rodeados pelos ícones da “sagrada família”, a única admirável. Sua mensagem nos chega através de algumas das obras de arte mais belas da história ocidental. Nas imagens e nas pomposas cores dos grandes quadros, na arquitetura e na música, se conta e se reconta a história da “sagrada família”. Compositores como Bach e Handel e artistas como Tiziano, Rafael e Michelangelo eram contratados pela Igreja para criar obras de arte baseando-se em temas bíblicos.

Ainda que pudesse parecer maravilhoso, (especialmente na promessa de “amor verdadeiro”), este modelo de família é essencialmente repressivo, porque ensina modos de comportamento autoritário e a acreditar na legitimidade imutável do poder masculino. Nesta família hierárquica o amor e o poder estão indissolúvelmente relacionados. É um modo de comportamento que tem efeitos prejudiciais não somente sobre todos os membros da família, mas também sobre a política da sociedade em geral. Como pode existir uma verdadeira democracia na vida pública se existe um modelo autoritário na vida privada?”.

Uma estratégia precisa também está formulada.

Em primeiro lugar mentalizar a *família fundamentada no matrimônio* que isto é coisa do passado que já está superado e incentivar a *não se casar*, pois “esta tendência seguirá adiante apesar da pregação contrária dos fundamentalistas, porque o povo está cansado de buscar sua identidade no modelo da “sagrada família”.

Libertar-se de qualquer sentimento de culpa visto que “esta profunda transformação social está acontecendo de maneira enganosa, defensiva e inclusive culpável, uma vez que persiste a mitologia de que não se é “normal”, não se “tem êxito”, se não se pode alcançar a posição social de família nuclear.

O homem comum “é levado a achar que é importante para um candidato político ou para um

chefe de governo estar casado e ter filhos, isto é, “ser normal”. A tese que está por trás disto é que a pessoa deveria respeitar, adorar e eleger o candidato na família que mais se assemelha à “sagrada família”, ao modelo de Jesus, José e Maria”.

Corrigir o termo “família”. “Toda família é “normal”, mesmo que esteja formada só pelo pai, pelos dois, ou por nenhum filho. Uma família pode estar formada por qualquer tipo de combinação de pessoas heterossexuais ou homossexuais, que compartilham a vida de um modo íntimo (não necessariamente sexual). E as crianças serão felizes seja com uma família adotiva ou com pais biológicos. Não é necessário que hajam filhos numa família. A sociedade anima fortemente as mulheres para terem filhos, mas uma mulher não ficará diminuída sob nenhum aspecto se decide não tê-los. Lá onde existe um amor duradouro, lá existe uma família”.

A última indicação foi tirada de uma nota do texto e sugere *substituir as obras de arte que representam a Sagrada Família* por “conjuntos alternativos de “grande arte” que constituem as tradições clássicas egípcias e gregas (incluído o neoclassicismo florescente na França do século XVIII), cada uma das quais representa o próprio panteão sagrado e político (religioso); e também aquelas tradições persas e chinesas. Existe além disso a arte da “religião da Criação” e da cultura da pré-história, cujos símbolos principais são a fecundidade feminina, as plantas sagradas e a vida animal”.

Atualidade de uma mensagem

Esta estratégia, apoiada por poderosos meios de comunicação e pelo empurrão secreto do “tinhoso” (assim chamava Manyanet o senhor do mundo, Satanás), provocou em pouco tempo, efeitos devastadores que estão diante dos olhos de todos. Portanto, é evidente a atualidade do carisma de Josep Manyanet que, merecidamente, é considerado um *Profeta da família*.

Em nossos dias, João Paulo II que não se cansa de nos lembrar que “o futuro da humanidade depende da família” e em algumas outras ocasiões insistiu que “a santidade da família é o caminho mestre e o trajeto obrigatório para construir uma sociedade nova e melhor a fim de desenvolver a esperança no futuro de um mundo sobre o qual pesam tantas ameaças. Que as famílias cristãs aprendam portanto a entrar na escola daquele centro de amor e doação sem reservas que foi a Sagrada Família”.

O papa, ao reconhecer a santidade de Josep Manyanet e propô-la a toda a Igreja, reconheceu também a veracidade de suas instituições e a eficácia de seu carisma. Este fato deveria varrer de certos ambientes da Igreja, a vacilação e as suspeitas relacionadas com a Sagrada Família. Duvidosa, “por parte dos inteligentes e dos sábios”, de falta de fundamentos teológicos, é menosprezada e considerada por eles como “icone estorvador”. No entanto, é muito querida pelas “criancinhas” e famílias que a sentem próxima a elas e veem nela um ponto de referência seguro; sentem-se protegidas por ela e animadas a fazer a sua caminhada com Jesus, encarnadas na sociedade atual e capazes de dar a vida, de morrer e de ressuscitarem com Ele; fermento de um mundo novo.

Capítulo 7

Tocar o céu com um dedo

Quem não dá amor se estagna, quem o dá com generosidade, permite que ele brote como água límpida refrescando e produzindo abundantes frutos de vida.

O amor de Josep Manyanet pela Sagrada Família, não foi uma experiência exclusiva de sua intimidade, mas estava voltada para todas as famílias.

A partir de sua experiência pessoal, ele compreendeu que só a família pode satisfazer as exigências mais profundas de qualquer ser humano: nascer e crescer num ambiente onde tem a certeza de ser amado e reconhecido, onde se vence a solidão e se experimenta o gosto de a ele pertencer vivendo com compromisso a relação com Deus e com os outros.

Verificou que a família não é uma invenção humana mas divina e que repudiá-la prejudica o próprio homem. Esta repulsa é a origem da “abundância de males que afligem a sociedade”. A

família é um bem social, ponto de união entre o indivíduo e a sociedade, patrimônio de toda a humanidade.

A família, objetivo de sua obra

A finalidade de sua obra, seu *carisma*, é a formação de famílias cristãs; e a educação e instrução das crianças e jovens é o meio privilegiado para atingir este fim:

“A educação e instrução solidamente católica de toda a juventude... colocada nas mãos de sacerdotes e estes religiosos *ad hoc* chamados por Deus, é ao meu pobre entender, o meio mais adequado, mais simples e prático... para reformar a família e com ela a sociedade e fazê-la voltar ao seu próprio centro que é a Igreja católica”.

Escrevia:

“Quisera o céu que muitos pais entendessem a grandeza de seu ministério e a poderosa influência que têm sobre o futuro da sociedade... Se eles não seguissem a moda em suas decisões, deixando-se fascinar pelas falsas pretensões de grandeza ou de carreira para seus filhos, mas compreendessem a sublime missão que lhes foi confiada de tornar presente a paternidade de Deus no meio dos homens, então sua casa chegaria a ser verdadeiramente uma morada de paz e bênção. Teria aquilo que diz Deus pela boca de Davi: -Colocai todo o vosso gosto e vossa alegria em servir e louvar o Senhor e Ele vos enriquecerá de suas bênçãos”.

É assim como a família se converte num lugar em que se saboreiam as realidades celestes. No cuidado atento das relações e no respeito recíproco é possível fazer conjecturas para afirmar que se *toca o céu com o dedo*. Segundo Josep Manyanet, nisto é determinante o rol da mulher:

“Se ela junta a todas as suas qualidades um rosto sorridente, capaz de apaziguar a raiva; maneiras tranqüilizadoras que convidam à paz e a uma atitude de ternura e acolhimento para com o marido, os filhos e para aqueles a quem pode ser útil, ela está dando as condições para criar um ambiente feliz na terra que chega a ser um anúncio da felicidade e da glória eterna no céu”.

Escritor ao serviço da família

Josep Manyanet foi um escritor infatigável. Dele se conservam mais de mil cartas. Escreveu as *Constituições* para os dois institutos dos *Filhos da Sagrada Família* e das *Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré*; para ajudar seus religiosos e religiosas a serem e atuarem segundo sua vocação, escreveu uma coleção de meditações intitulada: *O espírito da Sagrada Família*; escreveu o *Método prático e seguro para a direção dos colégios e das escolas*. Como já falamos, escreveu sobre a Sagrada Família: *A Escola de Nazaré e Casa da Sagrada Família*. Muitos de seus escritos estão dedicados à família e embora reflitam o estilo e a mentalidade de seu tempo, contêm intuições que antecipam as urgências e necessidades pastorais que amadureceram em nosso tempo e que ainda esperam para serem confrontadas.

Ele usa sua capacidade de escritor sem dar vazão a vãos literários ou poéticos, mas como um instrumento para realizar sua missão de propagar a devoção à Sagrada Família, para apoiar, orientar e ajudar às famílias e para educar de maneira cristã as crianças e os jovens.

Muito realista, ele vai diretamente ao núcleo das questões, coloca o leitor diante das verdadeiras dificuldades e, sem dar muitas voltas às palavras, chega à raiz de qualquer mal, ou seja: a repulsa de Deus e de sua presença na vida dos homens. Todo o restante, seja positivo ou negativo, vem por acréscimo...

Um guia para as famílias

O livro dedicado às famílias é o já citado *Preciosa jóia de família* que tem um longo subtítulo particularmente significativo: *Livrinho de saudáveis instruções, dirigidas principalmente aos pais de família para viverem em santa paz e saberem educar os seus filhos segundo a doutrina e exemplo da Santa Casa de Nazaré*.

Como era costume naquele tempo, o livro é repleto de sugestões práticas (até excessivas). Suas indicações porém, não são as “costumeiras” que encontramos nos manuais escritos por seus contemporâneos; Josep Manyanet tem sua própria originalidade.

É suficiente pensar que para estar ainda mais próximo da vida ordinária das famílias, escreve parte do livro em castelhano e em catalão, a língua mais familiar que se falava na casa de seus leitores.

Além disso se revela um profundo conhecedor das situações reais que se viviam na família. Seu ensinamento não é uma coisa à parte, pois a clareza e a paixão com as quais se dirige às famílias, dão a entender o quanto as amava e o quanto se sentia próximo a elas.

Ele convida os casados a reconhecerem a *dignidade* do matrimônio: *é uma chamada à santidade e à prática de grandes virtudes*:

“Todos os estados são bons, e por qualquer um deles se pode chegar à santidade desde que se tenha sido chamado por Deus a tal estado e cumpra nele os seus deveres com fidelidade... Em consequência, mesmo que por muitos séculos e em alguns povos a união justa e honesta do homem e da mulher não passava de um simples contrato natural, para aqueles que crêem, ela foi instituída pelo mesmo Deus Criador lá no paraíso terrestre entre nossos pais, Adão e Eva, cuja união ele mandou e abençoou... Caminhando nestas leis do Senhor, muitos se santificaram no matrimônio. Quando mais tarde Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, veio ao mundo para redimir o homem... quis não somente restituir ao matrimônio a dignidade “do princípio”, mas também o elevou a Sacramento, enriquecendo-o com graças particulares para superar as dificuldades, para reforçar os corações, para manter a paz e para unir além dos corpos, também as almas. De modo que realmente se possa cumprir a palavra: serão duas almas em um só corpo”.

Como diz São Paulo aos fiéis de Éfeso: O sacramento do matrimônio é um grande sacramento relacionado a Cristo e à sua Igreja cuja união nele se explica”. Portanto, é grande a sua santidade e tão amável e respeitável que exige de quem se casa, que tenha um delicado e continuado esforço e uma permanente atenção”.

O matrimônio, caminho de santidade

Josep Manyanet, seguindo o pensamento de São Paulo, deduz que quem se casou leva uma desvantagem em relação àqueles que fizeram uma opção exclusiva pelo Senhor na vida religiosa, porque pode viver distraído pelas preocupações que tem com sua mulher, os filhos e os negócios do mundo. Porém, surpreende quando afirma:

“Se fizer todo esforço e buscar encontrar a Deus em tudo, pode chegar a ser tão virtuoso e santo a ponto de ultrapassar a muitos religiosos”. E, para demonstrá-lo, se refere à narração de Cassiano quando conta que “um simples lavrador indo oferecer as primícias de seus frutos ao abade João, varão venerado como santo naqueles desertos, percebeu que há algum tempo batalhava para tirar do corpo de um pobre homem o espírito maligno. Mas, assim que se aproximou o lavrador, Satanás se afastou imediatamente. Assustado, o abade perguntou ao lavrador qual era o seu estado, quais exercícios fazia e que virtudes praticava. O humilde lavrador respondeu: ‘Estou casado e me ocupo na humilde e trabalhosa vida do campo... Sou casado já há onze anos e sempre vivi em paz, amor e quietude com minha mulher, não deixando passar um dia que juntos não façamos alguma coisa do agrado do Senhor...’”.

Josep Manyanet está convencido que:

“Se o matrimônio é um projeto de Deus para o homem e para a mulher, certamente Ele não permitirá que falte a sua graça para que, quem se casar, possa servir ao Senhor com muita perfeição... Não alcançaram eles talvez um alto grau de virtude e santidade?... Não são inumeráveis os santos, homens e mulheres que a Igreja venera nos altares e se santificaram no matrimônio?”.

Dava um sábio conselho aos esposos de seu tempo, muito útil também para hoje:

“Abandonar as desculpas enganosas sobre o peso das obrigações do matrimônio que favorecem a preguiça e o abandono e, ao revés, esforçar-se generosamente. Haverá tempo para tudo”. O importante é colocar no centro dos próprios esforços o relacionamento com a esposa e com a família sem ir à procura de compensações perigosas: “Alguns por apatia e esquecimento de seus deveres mais sagrados e outros porque dominados pelas modernas distrações, abandonam a casa e a família. Inclusive, se trabalham cada dia para poder ganhar o pão e enfrentar as outras necessidades da casa, ao final do dia, não agüentando o peso das relações familiares, preferem freqüentar os círculos, o café ou os bares, descuidando completamente a esposa e os filhos”. É importante estar perto de Deus para conseguir o discernimento e o equilíbrio justo. Equilíbrio que também é necessário para valorizar o compromisso na Igreja e “as devoções muito demoradas, prejudicando os deveres concretos que se tem em casa e com a família. Uma verdadeira devoção ajuda no cumprimento dos próprios deveres e ainda sobra tempo para os outros”.

Necessidade de uma boa preparação

Vê com clareza a necessidade de uma boa preparação para o matrimônio:

“ Não é porque o estado matrimonial é o mais comum entre os homens, que não seja necessário pensar nele com toda seriedade e sem paixão. Não resta dúvida de que se trata de uma opção entre as mais importantes da vida e é tão verdade que o ditado popular ecoa: ‘Antes que te cases, olha o que fazes’. De fato, se trata de uma escolha da qual depende em grande parte a salvação ou a condenação eterna e de viver uma vida de paz e tranquilidade ou de inquietações e dissabores contínuos. Somente isto mostra suficientemente que se trata de um negócio de suma importância que não deve ser tratado superficialmente”.

É a mesma preocupação dos Bispos de hoje quando insistem na necessidade de que, quem se casa na Igreja tenha pleno conhecimento de si, da escolha que faz e do sacramento que recebe.. Como não existiam na época os cursos pré-matrimoniais para os noivos, Josep Manyanet confia esta tarefa aos pais que, como preparação remota,

“preocupem-se de educar os filhos no amor, desde crianças. Quando chegarem na idade da escolha e se sentirem chamados ao matrimônio, não obriguem os filhos a fazer opções de acordo com seus projetos, mas deixem a eles a liberdade de escolher. Instruam-lhes sobre três argumentos principais: o *amor conjugal* que não é só corpo, mas sintonia de coração e mútua estima; a *fidelidade* que os esposos devem conservar entre eles, acompanhada de uma confiança mútua e de uma recíproca e contínua delicadeza; por último, os *atos de amor, de trabalho, de favores* que os esposos devem ter entre eles. Devem ser delicados entre si para prestar-lhes auxílio tanto nas necessidades relativas ao corpo como aquelas que visam o espírito”.

Uma vez casados, marido e mulher devem ajudar-se para que entre eles

“o amor não diminua mas que aumente com o respeito e a paz... A união matrimonial se fortalece e solidifica através da unidade de intenções entre os esposos; de modo que, as decisões de ambos sustentem esta feliz harmonia de afeto, e assim, tudo se suporta, tudo se perdoa e se sofre considerando que o amor é forte como a morte”.

A harmonia e a paz na família

Segundo Josep Manyanet nada é mais maravilhoso na família que a harmonia e a paz.

“Assim como a discórdia perturba o coração da pessoa, assim a serenidade e a harmonia, especialmente no casal, são as mais belas coisas que se pode desejar. Uma profunda serenidade e a harmonia recíproca constituem a grande felicidade dos esposos e são o fundamento da sociedade. Para confirmar esta verdade, a Palavra de Deus nos diz: ‘Adornei-me de três coisas e me faço bela aos olhos do Senhor e dos homens: a compreensão entre os irmãos, a amizade com os vizinhos, homem e mulher que estão de acordo’ (Sir 25,1)”. Esta harmonia é um sólido fundamento que torna prósperos os lares e felizes as famílias que o Senhor cumula de bênçãos.

A própria experiência ensina que a paz e a harmonia são a base para viver felizmente o matrimônio. Todos conhecem o que escreve o livro dos Provérbios 17,1: Mais vale um bocado de pão com paz e harmonia do que as duas mãos cheias de riquezas com inquietação e pesadelos”. Com paz o pouco é muito; sem ela o muito é nada. Se reina a paz na família não faltará a bênção de Deus e também a saúde e o bem-estar. Se estes são os frutos que nascem da perfeita união e conformidade entre os esposos, a oposição e antipatia entre eles é sinal evidente de seu mal-estar e de sua inevitável ruína. Que ninguém se admire com estas consequências, porque sendo Deus o dispensador de todos os bens e o autor de toda ordem, não lhe apraz as oposições, mas a paz e alegria inocente, pois como nos diz São João: Deus é amor e somente os que vivem na caridade estão em Deus e Deus neles.

A casa onde não há paz e união, mas pelo contrário são freqüentes os litígios e discórdias se converte em morada insuportável e, mais do que uma pacífica moradia de cristãos, se parece a uma reunião de imbecis, energúmenos ou condenados, já que não se pode chamar de cristã uma família que em vez de louvar a Deus honrando-o com a oração e exercitando uma constante paciência unida às outras virtudes, nela só se ouvem injúrias, juramentos, blasfêmias e maldições. Então acontece que o marido irritado e impaciente briga com a mulher, e esta, cheia de impaciência e fora de si se volta contra o marido, chegando sua alteração e alvoroço ao extremo de não escutar o que se diz nem atender ao que se faz, servindo de escândalo para os filhos, mau exemplo para a família e vizinhos, preocupação para os parentes que têm conhecimento e sofrem sem poder remediar tão graves males, cumprindo-se aquela sentença de Jesus Cristo que diz: “A casa que está dividida em discórdia, será irremediavelmente arruinada”.

Pode-se afirmar, na verdade, que não existe dor nem prisão mais insuportável do que a vida de um casal onde não reina a paz e a concórdia como bons cristãos, pois, se estão na mesa, seus olhares são cheios de suspeitas e caras amarradas; se vão descansar, o mal humor os acompanha e muitas vezes os medos; por fim, em toda parte estão o azedume, o rancor e o desespero.

Em tais circunstâncias, é grande a tentação de fomentar a discórdia, alimentando e exagerando suspeitas infundadas e faltas que talvez não existem. Às vezes, a mulher se põe contra o marido, mas com freqüência este é que se volta contra a mulher.

...A este ponto, é justo perguntar-se: existem métodos e maneiras de prevenir ou reparar tamanhos males e de tão péssimas consequências?

Tudo depende da força de vontade dos esposos e de suas decisões. Tudo depende do amor e temor de Deus que ouve e bendiz aos que a Ele recorrem de verdade, pedindo-lhe socorro. Neste caso, mais que em outros, faz-se necessário a paciência cristã acompanhada de uma total conformidade à vontade divina que sem dúvidas permite esta união para que tolerando-se mutuamente em seus defeitos e amando-se com caridade, procurem sua santificação e garantam melhor a salvação eterna. Para isto, ajuda poderosamente a freqüência ao sacramento da Reconciliação e da Eucaristia recebidos com devoção e com o firme propósito de imitar, dentro do possível, o nosso mestre e redentor Jesus Cristo ”.

Como enfrentar os conflitos

Manyanet fala amiúde dos conflitos, da diversidade e das “surpresas desagradáveis” na vida do casal. É necessário corrigir-se e desafiar-se, mas fazê-lo sempre “com doçura e amor... Não é possível fingir como se nada tivesse acontecido, nem querer corrigir tudo, mas conforme as

circunstâncias e a oportunidade do momento, servir-se de um ou outro modo “ para favorecer o encontro”. Quando os esposos se deparam ante as debilidades e os defeitos de um e do outro, devem ajudar-se reciprocamente “com caridade e amor, esperando que o Senhor conceda a ele ou a ela, a força necessária para que possa e queira mudar”. Viver brigando ou dissimulando, não ajuda a ninguém:

“De que adianta ao marido deixar a mulher de mau humor e com seus defeitos? Só serve para deixar mais tenso o clima familiar com medo das caras amarradas e para que os trabalhos da casa sejam feitos com má vontade e com atraso... Isto vale também para a mulher diante dos defeitos e faltas do marido: ou se corrigem ou se agüentam. Mas, como atuar?... É necessário servir-se de toda a sagacidade que uma esposa fiel e afetuosa sabe inventar”. A mais triste alternativa é ir cada um por seu lado, pois isto não chega a dar nenhum bom resultado e traz prejuízo para a alma, para a saúde física e para o ambiente familiar ”.

Outra sugestão válida para todos os tempos:

“Um dos momentos que dão paz e aumentam a harmonia da família é quando se acolhem e se hospedam os parentes de um e de outro lado, com generosidade e prazer. Isto evitará queixas, murmurações e censuras”.

A paternidade é como um sacerdócio

Josep Manyanet nos surpreende ainda com dois argumentos: considera a paternidade e a maternidade como um sacerdócio; é favorável e aconselha que a mulher trabalhe.

Intuiu que o chamado a serem pais também é uma responsabilidade sacerdotal que necessita de amor, serviço e coerência:

“A paternidade é como um sacerdócio: assim como é próprio do sacerdote exortar , pregar e rogar, do mesmo modo os pais de família dentro de sua casa devem ser zelosos, vigilantes e constantes, além de prudentes pregadores. Com efeito, devem oferecer e colocar a família em Deus e com frequência pedir que venham sobre ela as bênçãos celestiais; reunir toda a família num lugar conveniente e o maior número de vezes possível e ali ensinar-lhes a doutrina cristã, infundir-lhes a sã moral e a prática das sólidas virtudes... Se tudo isto ou mais do que isto vai acompanhado do bom exemplo, é meio poderosíssimo para que os filhos se afeiçoem às coisas do serviço de Deus. Mas, pelo contrário, se eles notam que as obras daquele que prega não correspondem às suas palavras, produzem neles uma reação totalmente oposta”.

O que ele queria é que “cada família fosse um novo Nazaré”, uma “pequena igreja doméstica” com suas celebrações, sua liturgia, seus catequistas, seus pregadores... com seus discípulos, testemunhas e apóstolos.

A mulher e o trabalho

Sobre, *o trabalho das mulheres*, escreve:

“A partir do dia do casamento em lugar de distrair-se com coisas superficiais, tenha o trabalho como uma regra de vida. Porque mais tarde, ocupada com a educação dos filhos, não poderá trabalhar quando e como gostaria, mas quando se adquire o hábito do trabalho, mesmo que tenha só uma hora livre a aproveitará como uma ingênua distração e como um tempo bem empregado. O trabalho, como diz o sábio, “ é um amigo fiel que se adapta a todas as idades e a todas as circunstâncias daquele que o elegeu como companheiro de vida”. Ó! Se fosse possível compreender que o trabalho possui o segredo para afastar-se do turbilhão deste mundo estúpido e ao mesmo tempo exigente e caprichoso”!

Capítulo 8

Semear o bem no coração das criancinhas

Disposto a entregar toda sua vida, suas energias e seu amor a favor da família, Josep Manyanet resolveu dedicar-se à educação e instrução das crianças e dos jovens. Acredita que este é o caminho mais justo para formar novas famílias verdadeiramente cristãs, capazes de transformar o mundo. Sabia que este era um caminho muito longo e exigia esforço, confiança, paciência e principalmente muito amor..., porém, este era o caminho de Nazaré onde Jesus permaneceu durante trinta anos preparando-se para o cumprimento de sua missão.

A cultura do coração e da inteligência

Josep Manyanet ao falar de educação e instrução quer dizer que é necessário trabalhar nas crianças, tanto meninos como meninas, o crescimento integral de sua pessoa (o que constituía uma quase novidade naquele tempo):

“A cultura do coração deve ser o primeiro objetivo da educação da juventude. Paralelamente à cultura do coração deve acrescentar-se a cultura da inteligência”.

Ou seja, *uma educação do coração e da mente*. Não se cansa de repetir:

“Os educadores trabalhem com todas as suas forças e sejam capazes de infundir no coração dos jovens não somente a ciência, mas principalmente a piedade e as sólidas virtudes”. Um coração educado é um coração encantado do bem e da beleza. Com efeito, o coração é o recinto mais íntimo da pessoa onde reside a vontade e a consciência, e nele são tomadas as decisões mais importantes: *“A verdadeira paz e alegria residem no coração, isto é, são sinais de uma boa consciência”.*

Não é menos importante a cultura do saber:

“É necessário darmos aos nossos alunos uma instrução sólida e profunda, válida para qualquer profissão. Isto porque, logo, estes jovens devem construir a sociedade e reconstruir o mundo...” Mas, como alcançarão este objetivo se o ensinamento não foi profundo?...”

Sabidamente ele insiste que os jovens recebam uma instrução sólida porque o fruto da ignorância é a vulgaridade e a presunção:

“Uma instrução superficial não contribui para tornar o homem humilde e útil para si e para os outros, mas o enche de vaidade e de orgulho acreditando ter capacidades e qualidades que não tem... É necessário conjugar o útil com o agradável, o sólido com o brilhante, evitando porém fazer de nossos discípulos sábios de meia tigela e, por conseguinte, orgulhosos e presumidos”

Sistema preventivo

Trata-se de uma educação que leve em conta o crescimento e o amadurecimento das crianças e dos jovens em todas as dimensões da pessoa, para que cheguem a ser livres e autônomos, capazes de serem protagonistas da própria história e comprometidos em melhorar a sociedade...

Josep Manyanet, como João Bosco, é um defensor convicto do *sistema preventivo* na educação. É por esta razão que começa pelos menorzinhos.

“Não podemos esquecer que o coração da criança é como um pedaço de cera mole onde se pode imprimir com facilidade a imagem que se queira. Feliz aquele que consegue que a primeira figura impressa nestes ternos corações da juventude seja a de Jesus, nosso divino Redentor!”.

Prevenir é melhor do que curar, por isso recomendava que em suas escolas

“se procure prevenir e evitar os erros antes que castigá-los... É mais fácil impedir a entrada do que fazer com que o intruso saia, diz a Bíblia... Erra enormemente aquele que vendo certas extravagâncias, caprichos e outros defeitos nas crianças, consideram que não passam de travessuras da infância, dizendo que os corrigirão quando forem maiores e tiverem maior capacidade de juízo. Não percebem que quanto mais se atrasa a correção, mais se enraiza o vício ou o defeito e depois, é muito difícil exterminá-los”.

A paternidade da cultura

Ele decide dedicar-se à educação e ao ensino para tirar os meninos da rua e livrá-los de uma educação moderna que nega toda autoridade. Manyanet, ao contrário, insiste que o educador oriente as crianças com *autoridade* exercida com competência e não com autoritarismo:

“Aquele que se dedica à educação está investido de uma segunda paternidade: a paternidade da cultura e da formação da alma que se aproxima muito da paternidade natural”.

Esta *paternidade* é exercida com amor e com espírito de serviço, não com poder. Buscando mais convencer que obrigar e lembrando que os jovens têm mais necessidade de “modelos de vida” do que de professores. Por isto

“aquele que é professor deve colocar seu principal cuidado em que todas as suas lições e explicações sejam precedidas por um bom exemplo, pois, se é certo que a instrução ilumina o entendimento, também é certo que os exemplos sadios cativam suavemente o coração... Os pequenos são mais atraídos pelas boas ações e pela coerência nas opções de vida que pelos avisos e preceitos”.

Isto pressupõe um autêntico e grande amor para com as crianças e os jovens:

“É necessário que as crianças sejam conquistadas mais com o amor do que com o rigor... O amor tem coração de pai para com todos, de todos se compadece e a todos trata com afeto, benevolência e modos carinhosos e ao mesmo tempo persuasivos, inclinado mais a recompensar que a castigar”.

Mais estímulos que castigos

Josep Manyanet está bem convencido de que é *sempre melhor evitar o castigo* e recorrer a uma santa e nobre motivação...

“Nosso método de educar e de ensinar deve se distinguir por este motivo: saber entreter e estimular as crianças sem castigá-los ou dando poucos castigos... Quanto melhor é a educação, menos se tem necessidade de castigar; quanto menos freqüentes são os castigos, mais eficazes se tornam”.

Se o castigo for necessário, sejam usados para corrigir os comportamentos errôneos, não para humilhar a pessoa das crianças:

“Quando for necessário repreender a alguém, temos que procurar evitar as palavras humilhantes e ferinas, evitando qualquer tipo de exageros”.

Porém, quando o castigo pode ser justificado, é preciso ter coragem de castigar:

“Um castigo justo não é ódio, mas sim um ato de amor. É melhor castigar do que permitir a perdição temporal e eterna de si mesmo. Demasiada compaixão é debilidade e a debilidade é

altamente prejudicial para as crianças... É melhor castigar quando as crianças são bem pequenas; mais tarde, se a pessoa está alerta, a idade vai aperfeiçoando as coisas por si mesmo”.

O educador

“nunca deve mostrar-se chateado, irritado, colérico e amigo dos castigos... Nunca castigar com rigor e muito menos com pancadas; a penitência deve servir para estimular e não para mortificar... Para que o castigo seja eficaz é necessário dar-lhe o justo valor: deve ser um castigo equilibrado e proporcionado... Quando os castigos são dados com muita frequência e de um modo indiscriminado, as crianças se acostumarão e estes perderão a eficácia”.

Qualidades do bom educador

Josep Manyanet crê que a responsabilidade de dedicar-se a algo tão grande e decisivo para a vida das crianças, deve estar acompanhada mais que tudo das motivações superiores de capacidades humanas importantes. Antes de mais nada o educador deve ser uma pessoa equilibrada, constante e de uma grande firmeza.

Deve estar dotado de *bom humor*:

“Não estarão nunca com a cara triste e melancólica, um tanto aborrecida e chateada por causa do ensino mas, ao contrário, estejam alegres e mostrem-se satisfeitos e interessados pelo bem e pelo bom andamento dos alunos. No exercício de suas atividades tenham um bom aspecto, agradável, alegre e cheio de caridade”.

Sejam capazes de *escutar e respeitar aos alunos*:

“Para obter o respeito dos alunos e ensiná-los com o bom exemplo, é necessário respeitá-los e evitar preferências... Faz-se mister escutar sempre com calma suas razões e não se impor pela força colocando sempre seus próprios motivos”.

Com as crianças e os jovens se necessita uma grande paciência. Josep Manyanet fala de uma *paciência heróica*:

“É muito difícil senão impossível abraçar convenientemente o exercício da educação sem a virtude da paciência. Efetivamente, o mestre deve estar munido de um grande caudal de paciência para não alterar-se e suportar as inconstâncias, bobagens e também malícias dos jovens alunos... É mais meritório educar os outros do que ir ao martírio. Quantos atos de paciência, de doçura e de caridade é necessário fazer durante os longos horários e no decorrer de tantos dias que se sucedem, dedicados inteiramente a este esforço”.

Há, além disso, uma qualidade que resume todas as outras: *a bondade*. Se temos que semear o bem no coração das crianças e dos jovens,

“o meio mais apropriado e que abarca todos os outros, é a bondade. Se todo nosso esforço é feito com o coração, atinge diretamente seus corações, e assim serão conquistados imediatamente sendo então possível o bem vencer sobre o mal”.

Uma pedagogia familiar

Para Josep Manyanet tudo isto tem um nome significativo: *pedagogia familiar*. Não somente porque em suas escolas se respira um clima de acolhida familiar, mas porque implica na realização de seu projeto, a uma grande família, a *toda família*.

Implica a **família de Deus**: a Trindade, da qual provém a idéia de família. Arquetipo de toda família.

Deus é o eterno educador do homem; “nós, como educadores, somos os colaboradores de Deus”. Ele colocou no homem uma profunda saudade de Deus e por isto o coração do homem está inquieto até que o preencha com a presença e a verdade deste mesmo Deus. Manyanet explica esta intuição de Santo Agostinho com uma imagem original:

“Deus quer de modo especial o coração do homem a quem criou para que o amasse e neste amor não admite nenhuma competência. Como a agulha magnetizada da bússola treme e não para até que encontre o norte que é o seu centro; assim o coração do homem vive inquieto e agitado enquanto vai à procura de outras coisas fora de Deus, que deve ser sempre e em tudo seu último fim”.

Quando Deus que é relação eterna, está no centro do coração do homem, ele é capaz de cultivar as boas relações com os outros.

Deus, verdade eterna, pôs no ânimo do homem e em sua mente uma profunda sede de verdade e um forte chamado ao conhecimento, mas “considere-se que as ciências não podem encontrar a unidade a não ser no seio de uma idéia superior, a idéia de Deus. A ciência de Deus é a idéia motriz que dirige, coordena e vivifica todas as outras”.

Implica a **Sagrada Família**, trindade na terra. Ela é o modelo a ser imitado e o protótipo de cada família. Nazaré é a *escola* predileta de Josep Manyanet, seu desejo era que ela fosse uma escola para todos. A Sagrada Família é a fonte de sua inspiração. Contemplando a casa de Nazaré onde Jesus cresce em sabedoria, idade e graça acompanhado por Maria e José, Manyanet encontra a chave para toda educação plenamente humana: o amor incondicional e total para as crianças e os jovens. Tanto é assim, que suas escolas deverão inspirar-se e serão um compêndio de Nazaré: *família*, onde se modula a pessoa em todas as suas dimensões; *laboratório*, onde se trabalha e se cria; *escola*, onde se oferece aos alunos uma síntese de fé, cultura e vida.

Implica a **família dos filhos de Deus**: a Igreja, família de famílias. Josep Manyanet amou a Igreja e se sentiu sempre em comunhão com o Papa e os Bispos, sucessores dos apóstolos, tratou de entusiasmar os jovens para que vivessem felizes sua pertença a esta grande família. Na certeza de ter um lugar privilegiado no coração de *uma mãe* que tem por eles um amor especial e coisas sempre novas a propor: “O catolicismo deve ser apresentado aos jovens como agente de vida nova, anunciador daquilo que é maravilhoso, justo e santo”.

Ele precedeu e seguiu as preocupações e os ensinamentos da Igreja, foi um filho fiel e obediente, especialmente nos momentos mais difíceis. Sua obra nasceu na Igreja e para a Igreja com a aprovação de seu Bispo. Com ele manteve sempre um estreito contacto para informá-lo e para pedir-lhe conselho e ânimo.

Quando recebeu da Santa Sé o decreto de aprovação do Instituto dos Filhos da Sagrada Família a 22 de junho de 1901, ele começou a chorar como uma criança e depois de lê-lo disse:

“Sinto-me mais feliz de saber que minha obra mereceu a aprovação do Papa que se um anjo me tivesse vindo dizer, porque a aparição do anjo poderia ser uma ilusão, mas a aprovação do Papa é uma realidade certíssima e infalível para todos”.

Os pais, primeiros e principais educadores

Envolve as **famílias**, porque são o âmbito natural do crescimento e a educação dos filhos:

“A própria natureza indica que os primeiros e principais educadores das crianças devem ser seus pais. A tendência dos filhos é imitá-los até nas imperfeições. Daí se conclui o atencioso cuidado e a solicitude contínua que os pais devem ter por uma boa e cristã educação dos filhos”.

Os pais sigam e orientem os filhos sem renunciar nunca o seu dever de autoridade que anima, incita a esforçar-se e a vencer a preguiça, remar contra a corrente e quando é necessário, corrigir:

“É importante que os filhos vejam em nós decisão e convicção na transmissão dos valores nos quais acreditamos e compreendam que o desejo de transmiti-los nasce puramente do profundo amor por suas pessoas e por sua salvação eterna. Os pais não se desanimem diante das dificuldades de um filho que não quer aceitar conselhos e avisos. Tenham confiança em Deus e esperem, pois Ele mais cedo ou mais tarde fará frutificar seus esforços”.

Josep Manyanet entende que as mães têm um papel decisivo na educação:

“Mães, educai os vossos filhos. Este alimento espiritual é tão importante para vós e para vossos filhos como o físico. Ó mães! Educai vós mesmas os vossos filhos, durante o maior tempo possível”.

Aquilo que se recebe na infância, mesmo quando ainda não se tem pleno conhecimento em sua mente, mas o coração já é capaz de assimilar, incide de um modo significativo em toda a vida; por isto os pais

“deveriam começar a ensinar exatamente quando as crianças aprendem a repetir as primeiras palavras, principalmente quando as mães os vestem e arrumam. É neste momento que penetra mais em suas ternas mentes e em seus cândidos corações as coisas que se dizem e se ensinam. Mais do que isto, permanecerá neles a certeza da bondade e necessidade daquelas coisas que lhes foram ditas relacionando-as com o fato de que quem lhes comunicava naquele momento os amava muito e os acariciava”.

Os pais não podem delegar a educação totalmente à escola. Não basta com enviar os filhos à escola:

“Depois dos pais, entram neste campo os sacerdotes e os mestres. Note-se que dizemos ‘depois dos pais’, para que estes compreendam que não estão dispensados de suas obrigações pelo simples fato de enviar os seus filhos ao catecismo paroquial ou à escola, mas que, além do ensino dado por eles em casa, devem reconhecer com sincera solicitude se realmente escutam a explicação feita pelo sacerdote, se freqüentam com pontualidade e constância a escola”.

Josep Manyanet sublinha várias vezes que sua obra nasce como uma ajuda para a família, não para substituí-la. Em seus apontamentos que explicam os objetivos do primeiro colégio aberto em Barcelona, escreve:

“Uma instrução solidamente religiosa e uma educação paternal, fina e esmerada, acompanhada de uma vigilância nunca interrompida, são as mais firmes garantias que podemos *oferecer aos pais* que desejam educar seus filhos segundo os princípios da fé e da moral católicas”.

Portanto, os primeiros educadores dos filhos são os pais; por isso, as escolas fundadas por Josep Manyanet prevêm a “escola de pais”, para que eles sendo bons esposos possam cumprir da melhor maneira possível sua responsabilidade educativa.

Uma família para as famílias

Implica as **famílias religiosas** fundadas por ele. Assim é como ele gostava de chamar as congregações dos *Filhos da Sagrada Família* e *Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré*. Homens e mulheres que, fascinados por seu carisma, vivem com ele a experiência familiar de Nazaré e se dedicam generosamente ao enriquecimento da Igreja com o dom da atenção àquilo que é o fundamento de tudo: a família. Homens e mulheres que, movidos pela fé e dotados de uma profunda

maturidade humana e espiritual, dedicam toda sua vida à educação e à instrução das crianças e da juventude. Homens e mulheres que pela santidade e a cultura sabem “estar à altura dos tempos...”, posto que a ciência não é menos necessária que uma vida santa”.

Ele fundou os *Filhos da Sagrada Família* em 1864, quando ainda morava em Tremp. Embora no início houvessem muitas desilusões, teve depois a satisfação de ver sua família religiosa aprovada pelo Papa, como já foi lembrado.

As *Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré* têm uma história um pouco mais difícil, necessitando de um espaço mais amplo. Delas diremos somente, por agora, que foram fundadas em 1874 aceitando nesta fundação as religiosas de um Instituto fundado anteriormente pelo bispo Caixal. Apesar de muito bem acolhidas, este gesto teve como consequência problemas, divisões e amarguras, até quase chegar ao desaparecimento do Instituto. Com o Pe. Josep Manyanet ficaram somente a Madre Encarnación Colomina (considerada co-fundadora) e doze jovens, até que em 1894 renasceram como família religiosa em Aiguafreda. Suas filhas ocupavam um lugar especial em seu coração e aos seus religiosos que até então se mostravam um tanto arredios, recomendava: “Se me amais, amai também a elas”.

Além das duas famílias religiosas, ele havia idealizado uma singular associação laical: *Camareiros e Camareiras da Sagrada Família*. Queria com isto “congregar o maior número possível para honrarem, venerarem e imitarem a amabilíssima Trindade da terra, Jesus, Maria e José e apoiar e favorecer a obra educativa.

Como já vimos, sua obra ao princípio caminhou com muita dificuldade, mas, desde 1877, depois da abertura do primeiro colégio em Sant Andreu de Palomar, ele abriu em média uma nova escola ou um novo colégio cada ano. Sempre atento às necessidades de seu tempo, preferiu amiúde abrir escolas profissionais para estar mais perto dos mais pobres.

Graças a ele, suas “famílias” religiosas hoje trabalham na Europa, América e África.

Finalmente, Josep Manyanet implica a **família civil**, dos homens: a sociedade. Das instituições receberá obstáculos e promessas não cumpridas. Amiúde encontrara mais rejeições que aprovações. Porém, ele estará sempre disposto a colaborar. Tanto é verdade que em 1897, assumiu a educação e instrução dos órfãos do Asilo Naval Espanhol que estavam abrigados na corbeta Tornado no porto de Barcelona.

Tinha um grande sentido social e por isto desejava que sua obra servisse para transformar a sociedade e fazê-la mais justa e habitável, mais solidária e fraterna.

Capítulo 9

O segredo de uma vida santa e feliz

Josep Manyanet possuía um bom aspecto e não aparentava a idade que tinha. Seu rosto era sadio e sorridente. Conservava um segredo que ninguém conhecia: tinha cinco chagas abertas no lado. Quando ainda era um jovem sacerdote e estava a serviço do bispo de Seu d’Urgell, sofreu uma forte pancada no lado direito, mas nunca comentou nada com ninguém.

Coragem e bom humor no sofrimento

O irmão José Vilanova, depois de 18 anos, lavando sua roupa interior, percebeu as feridas que supuravam continuamente. As testemunhas deixaram claro que se tratava de um processo de *osteitis costo-esternal com fistulação* ou ainda um *empiema* ou supuração da pleura .

Em 1885, com cinquenta e dois anos adoeceu:

“Em seguida veio a terrível doença; fiquei de cama no dia 4 de março... Comecei a ficar um pouco melhor na metade de dezembro. Fizeram-me três operações cirúrgicas, extraindo três costelas, parte do esterno e um pedaço da cartilagem”.

As operações foram muito dolorosas e não deram os resultados esperados. Realmente, cinco chagas permaneceram abertas para sempre e ele as chamava *as misericórdias do Senhor*. Nesta circunstância, demonstrou uma grande fortaleza e uma elevada capacidade de suportar a dor. Usava de ironia para não dramatizar as situações. Todas as operações foram realizadas sem nenhum tipo de anestesia. Seu irmão que o acompanhava, segurava uma lâmpada para iluminar. Ao notar que estava ficando pálido, o padre lhe disse: “Vai embora daqui”!, tirou o castiçal de suas mãos e ele mesmo o segurou”. Aos médicos que estavam muito cansados, lhes disse: “Descansem um instante e tomem alguma coisa”.

Desde aí, sua saúde foi ficando muito fraca mesmo que parecesse o contrário. “Eu vou andando, embora às vezes me arrastando, traindo-me a boa aparência”. A dor o atormentava, tinha ainda uma artroses reumatoide crônica. Aos trinta e um anos, já ele escrevia: Está me roendo a dor que se situou fortemente nas pernas sem que eu possa quase andar, parecendo-me a um velho”. Com o passar dos anos, foi se agravando a tal ponto que não podia escrever: “A este ponto, quase havia renunciado à satisfação de escrever com meu próprio punho e letra, não podendo estar nem sentado, nem de pé, nem recostado”. Havia dias em que eu dizia: “A pena me cai das mãos”.

Sua afirmação era : “A cruzinha de cada dia não pode faltar. Louvado seja Deus!”.

Doas grandes alegrias antes de morrer

Apesar das doenças e achaques teve a satisfação de alcançar o ano mil e novecentos e de ir peregrinando a Roma para celebrar com emoção o jubileu. O início do novo século lhe proporcionou duas grandes alegrias: a aprovação, em junho, da congregação dos Filhos da Sagrada Família pelo Papa Leão XIII e a reabertura, em setembro, do colégio São José de Tremp.

Pôde então saudar pela última vez, como quando era “criança”, *a sua Beleza*: a Virgem de Valldeflors. Depois, adoeceu pela última vez.

Era a primeiros de dezembro e ele tinha 68 anos. Fazia muito frio e uma forte bronquite fez com que tivesse febre alta. No dia da Imaculada, 8 de dezembro, quis levantar-se para celebrar a missa com a comunidade e para partilhar a festa todos juntos na mesa. Os irmãos depois, o obrigaram a ficar na cama. Chamaram o médico que atestou pneumonia dupla.

Apesar de estar muito mal, quando lhe traziam os remédios, brincava: “Tanta coisa para ver se eu chego aos 70 anos!” A um dos sacerdotes que lhe perguntou se queria deixá-los órfãos, respondeu com firmeza, mas com um único fio de voz: “Se ainda sou necessário, não recuso o trabalho...”Estando próximo aos momentos finais, o vice-diretor, Buenaventura Mulla, sugeriu com um certo titubeio, que recebesse o sacramento da unção dos enfermos. Ele respondeu rapidamente: “Um cristão e muito menos um sacerdote, não se deixa afetar negativamente por isso... Pronto, pronto!”.

O pranto de uma família

Acompanhado pela oração de seus filhos que muito se esforçaram para esconder as lágrimas, Josep Manyanet, depois “de ter pronunciado com os olhos, com o coração e com a alma: ‘Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a minha alma’, deixou esta vida, não estava mais conosco”.

Era o amanhecer do dia 17 de dezembro de 1901.

Conforme publicação do diário *El Correo Catalán*, todo o bairro se juntou ao seu redor: trabalhadores, mulheres e crianças..., como uma família que chora uma perda irreparável. Confirmação renovada de que a virtude em todos os tempos e lugares é reconhecida e admirada!”.

Josep Manyanet não deixou um testamento escrito, mas sua vida se converteu numa herança preciosa para a Igreja, para seus filhos e filhas, para as famílias, para as crianças e jovens e para a sociedade. Seu carisma, sua obra e sua santidade são uma mensagem atraente e atual para todos.

O bom humor com que enfrentou os últimos momentos de sua vida, vem a dizer-nos que estar próximos a Deus nos torna felizes e mais prazenteira a vida. Faz-nos capazes de encarar tudo:

“Não te pareça estranho que a presença de Deus traga paz, tranquilidade e alegria e que a alma unida a Ele sinta estes benefícios. Isto é natural..., seria raro que o fogo gelasse e que o frio produzisse calor”.

Cultivar a virtude na própria vida é o que torna fácil, estável, alegre, e atraente o bem e a beleza. Uma contínua e feliz relação com Deus e o esforço na prática das virtudes, constroem a bondade do homem, e o mundo de hoje tem urgente necessidade desta bondade.

Josep Manyanet nos convida, mesmo sem estar presente, a aproveitar-nos de seu exemplo. Com acerto dizia:

“Como uma abelha trabalhadeira extrai das flores o que há de melhor e mais substancioso para fabricar o doce e perfumado favo de mel, assim cada um deve imitar dos outros os exemplos e as virtudes que julga ser para ele mais edificantes”.

É como se dissesse: “Se alguma coisa na minha vida pode ser útil..., não façais cerimônia, pegai-a sem nenhum reparo”. É como uma *doação espiritual de órgãos*.

Sua herança

Antes de tudo nos deixa como herança um “belo pensamento”.

Com esta expressão comunicou a seu bispo e amigo Caixal a idéia de construir o Templo expiatório da Sagrada Família. Para nós, é um convite a descobrir toda a beleza de nossa vida para que chegue a ser, com a ajuda de um Arquiteto Divino, uma obra prima.

É um convite a deixar-se conquistar pela beleza de Deus que se manifestou de modo extraordinário na Sagrada Família de Nazaré, para entendê-la e levá-la às famílias e à sociedade.

É um convite para deixar-se fascinar pela beleza que está presente na inocência das crianças, para preservá-las, guardá-las e assim tornar o mundo mais belo.

É um convite a nunca parar de maravilhar-se frente à beleza da natureza e da criação, para respeitá-la e curti-la.

É um convite para admirar a beleza da arte, da música, de tudo aquilo que o homem é capaz de expressar com seu gênio, com sua fantasia e sua capacidade de realizar desde sua pequenez, grandes obras.

É um convite para segui-lo, para deixar-se fascinar pela beleza de seu ideal e de sua missão:

“¡Como é bela tua missão, filho da Sagrada Família! É nada menos do que a mesma que Jesus confiou aos apóstolos, isto é, ensinar e procurar a salvação dos homens”.

Voltar a Nazaré

Josep Manyanet nos deixa **o amor de seus amores**: *a Sagrada Família de Nazaré*.

Revela-nos também o segredo de sua espiritualidade. O modo mais simples para aproximar-se a Deus e para permanecer com ele: *visitar cada dia Nazaré*.

“Em Nazaré está a casa santa por excelência. Onde se aprende a servir e amar a Deus em espírito, a ser úteis ao próximo, a corrigir os próprios defeitos e a dominar a concupiscência e a agir com pureza de intenção”.

Não é uma experiência difícil e complicada. Está ao alcance de todos: dos consagrados, das famílias e dos mais simples. Permanecer na pequena casa de Nazaré para descansar, contemplar e aprender.

Para compreender que a alegria e o desejo de Deus é estar junto do homem e viver com ele. Até o ponto em que Jesus, seu Filho, na encarnação se faz o esposo da humanidade. Um esposo que ama tanto a sua esposa que permanece longamente com ela para partilhar a vida cotidiana numa relação afetuosa e solidária, até chegar, depois a entregar-lhe a própria vida na cruz. Antes de fazê-lo, pede ao Pai lhe conceda que, ao final dos tempos, sua esposa permaneça perto dele, lá onde ele está, vivo e ressuscitado num eterno Nazaré. Enquanto isto, como em Nazaré, continua sendo um *Deus conosco* na Eucaristia, para alimentar nossa fé, esperança e caridade.

Voltar de Nazaré para confirmar que o projeto de Deus não mudou: a família é o centro da humanidade. É o lugar natural para o nascimento e o crescimento do homem. É o fundamento da Igreja e da sociedade.

Ir a Nazaré para superar o preconceito de Natanael e de todos os escéticos como ele: “De Nazaré pode sair algo bom?...”. Abrir-se, pelo contrário às surpresas de Nazaré para saborear as primícias do Reino de Deus que, antes de manifestar-se, estava já “em meio a nós”, em uma família humana como as nossas.

Para “roubar” com os olhos do coração o “ofício” da humildade, da vida oculta, do esforço constante e silencioso, da paz, alegria, abandono à vontade de Deus.

Para olhar o mundo, suas conquistas, progressos, preocupações, tragédias, contradições desde o ponto de vista de Nazaré, desde o olhar límpido de quem quer entregar sua vida para salvá-la.

Para manter nas opções da vida a mesma proporção de Nazaré: uma longa preparação para as grandes empresas. Uma *paciência heróica* para que cada pessoa tenha a possibilidade de crescer em sabedoria, idade e graça. Trinta anos para dar profundidade ao testemunho pessoal e à missão da Igreja. Para que o anúncio do Evangelho não se converta em mera propaganda ocasional de exibicionismo ou proselitismo a todo custo.

Para não ir em busca de sensações ou de coisas extraordinárias, mas sim, ter a capacidade de Nazaré para transformar o cotidiano, o dia mais aborrecido e comum, em uma festa. Como primícia da festa “surpresa” que Deus nos está preparando e que não terminará jamais.

Para saborear a vida em todos os seus gostos e desgostos, doces e amargos, com a pequenez, simplicidade e alegria de Nazaré.

Uma vida comprometida

Josep Manyanet deseja que **cada pessoa seja responsável pelo destino do mundo e da sociedade**. Juntos podemos construir um mundo novo. Deposita toda sua confiança nas crianças e nos jovens, futuro da humanidade. Se eles são capazes de renovar a família, chegarão a ser o laboratório de onde nascerá a paz para um mundo mais solidário e fraterno.

Quer ver o **homem com o coração voltado para Deus**, para que a família não se deteriore nunca mais; as freqüentes calamidades naturais que destroem as plantações; as epidemias das árvores e das plantas, dos animais e dos pássaros; as doenças e as epidemias; as catástrofes quase diárias e as violências do mar e da terra; as agitações e o mal-estar contínuo e geral em todas as classes sociais”... Hoje poderia ser acrescentado: para que cessem os ódios, as guerras e o terrorismo...”.

Josep Manyanet, persistente e infatigável, não agüentava a preguiça, a indolência ou a indecisão. Em várias ocasiões teve de frear a agitação com firmeza frente àquele que não tinha o seu mesmo entusiasmo. Em outras ocasiões pediu perdão para aqueles a quem havia repreendido, com dureza, porque não seguia o seu mesmo ritmo de trabalho.

Pede-nos que não usemos mal nossa vida, mas que a entreguemos generosamente aos outros. Que corramos em busca de um ideal e de um projeto detalhado para realizá-lo. Que tenhamos uma vida plena e ativa. Que nos esforcemos no trabalho e não permaneçamos sempre ociosos ou folgados. E... quando o amor nos chama, que nos decidamos pelo amor e pela família. Convida-nos a dizer um “sim” decidido ao Pai, como o “sim” de Jesus, Maria e José. Como o seu “sim”.

Pílulas de devoção e de sensatez

Josep Manyanet vivia continuamente na presença de Deus. Sua oração era **uma oração de confiança**. Utilizava a linguagem do amor, a linguagem do desejo, até identificar-se com Desidéria. Sua oração amiúde era alegre e de louvor. De fato, escreveu alguns *goigs* (gozos), louvores sagrados em versos, típico da tradição catalana. Quando estava muito ocupado e não encontrava tempo para dedicar-se longamente à oração, recorria às orações breves, às jaculatórias. Hoje, na era dos projéteis, poderíamos chamá-las de SMS (mensagens breves) dirigidos a Deus e à Sagrada Família. Disto, também nos deixou alguns:

“Pai amoroso, ilumina minha mente, fortalece minha fê, sustenta minha pobreza”...

“Deus amável, esposo de minha alma, só tu és digno de ser amado sobre todas as coisas”.

“Ó verdade eterna, ilumina minha mente, dirige meus pensamentos, fortalece minha vontade, inflama meu coração”.

“Doce Jesus, meu amado, aceita meu pobre coração e minha alma”.

“Quero converter-me, Senhor, por isso te suplico que não deixes de amar-me”.

“Sagrada Família, que todas as famílias da terra te amem, te bendigam, te imitem”.

“Sacra Família bendita, bendita mil vezes sejas!”.

“Como luz universal, que Deus eterno nos envia, sede Jesus, Maria e José, a esperança de todo mortal”.

“Virgem formosa, aqui está meu coração, eu o ponho em tuas mãos”.

“Ó minha doce Mãe, dirige um olhar benévolo sobre mim e dá-me o dom da perseverança”.

“Virgem santa e mãe do Amor formoso (!), dai -me constância e um ardente amor por teu Filho”.

“José, meu pai, com tua paz e serenidade, faz que em minha alma e em meu coração, não domine a agitação e a pressa”.

Outros SMS Josep Manyanet os deixou escrito em *100 Máximas de perfeição cristã*. Eis aqui alguns :

“Aquele que fala pouco de Deus é porque seu coração está vazio de seu amor”.

“A paz interior é a maior felicidade desta vida”.

“Se queres a paz com Deus, tira o pecado; se a desejas ter com o próximo, sê humilde; e, se contigo mesmo, sê mortificado”.

“Aquele que fala com dupla intenção ou fingimento, ofende a Deus e a quantos o escutam, e sem perceber, se faz antipático e odioso”.

“Aquele que falando sente prazer em mortificar o próximo mesmo por gozação ou para exhibir lucidez e sagacidade, bloqueia a caridade e o faz para se divertir a custa do desgosto de seu irmão.

“A correção é medicina que, administrada com oportunidade e tomada com gosto, amarga o corpo, mas aproveita à alma”.

Desde Nazaré, um profeta para a família

Josep Manyanet dedicou toda sua vida à honra da Sagrada Família e o bem das famílias e das crianças” . **É o profeta da família**. Chama-nos a sermos família, a fazermos do mundo uma família e de cada família um novo Nazaré.

É um **poderoso protetor da família**, para que vivam mais unidas e cheguem a formar uma íntima comunidade de vida e amor. Sejam para os filhos verdadeiras escolas de humanidade e de virtude.

É um **guardião carinhoso das criancinhas** a quem tanto amou e dedicou o melhor de si mesmo. A elas, tal como em vida, dedica a máxima atenção e para elas terá sempre... uma carícia e um caramelo.

Josep Manyanet, é para ti que conseguiste ler este livro até o fim, como já havia prometido na introdução de seus livros, “um **amigo afetuoso** que não te esquece nunca em suas orações”.



Canonizado pelo Papa João Paulo II no dia 16 de maio de 2004
Estatua colocada no exterior da Basilica de São Pedro no Vaticano

ILUSTRAÇÃO DA SUA VIDA

